
This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>



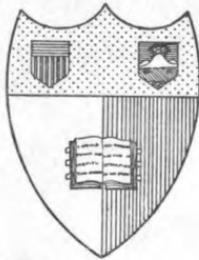
WASON
BX3746
C5F38

ASIA

Wason

BX3746

C5F38



Cornell University Library

Ithaca, New York

CHARLES WILLIAM WASON
COLLECTION
CHINA AND THE CHINESE

THE GIFT OF
CHARLES WILLIAM WASON
CLASS OF 1876
1918

The date shows when this volume was taken.

To renew this book copy the call No. and give to the librarian.

OCT 14 1957 KU

HOME USE RULES

All books subject to recall

All borrowers must register in the library to borrow books for home use.

All books must be returned at end of college year for inspection and repairs.

Limited books must be returned within the four week limit and not renewed.

Students must return all books before leaving town. Officers should arrange for the return of books wanted during their absence from town.

Volumes of periodicals and of pamphlets are held in the library as much as possible. For special purposes they are given out for a limited time.

Borrowers should not use their library privileges for the benefit of other persons.

Books of special value and gift books, when the giver wishes it, are not allowed to circulate.

Readers are asked to report all cases of books marked or mutilated.

Do not deface books by marks and writing.

Cornell University Library
BX 3746.C5F38

Um brado pela verdade, ou a questao dos



3 1924 022 959 567

*H. B. Denney
with the Author's
amplification*

Crown

UM BRADO PELA VERDADE

OU

A QUESTÃO DOS

PROFESSORES JESUITAS

EM

MACÁO

E

A INSTRUÇÃO DOS MACAENSES

POR

LEONCIO A. FERREIRA.

A verdade é companheira eterna da
justiça, e tão unida a ella, que não pôde
atacar-se uma sem se offender a outra.

Rastos—Max. e Pens. tos

MACÁO
TYPOGRAPHIA MERCANTIL
1872.

Handwritten text at the top of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

IN WASHINGTON

THE NATIONAL ARCHIVES

1967

RECORDED AND INDEXED

LEONARD A. FERRERA

Faint, illegible text, likely bleed-through.

1967

THE NATIONAL ARCHIVES

1967

UM BRADO PELA VERDADE
OU
A QUESTÃO DOS
PROFESSORES JESUITAS
EM
MACÁO
E
A INSTRUCCÃO DOS MACAENSES
POR
LEONCIO A. FERREIRA.



A verdade é companheira eterna da
justiça, e tão unida a ella, que não póde
atacar-se uma sem se offender a outra.

BASTOS—Max. e Pens. 1872



MACÁO
TYPOGRAPHIA MERCANTIL
1872.

&

170
26/7/28

W. G. ...
...
...

W. G. ...

...

170

AO LEITOR



APRESENTANDO este opusculo á vossa leitura e apreciação, cumpre-nos declarar francamente que nenhum motivo pretencioso tivemos em vista ao confeccional-o, mas sim unicamente o sincero e ardente desejo de vêr triumphar a verdade, e fazer a devida justiça a quem a merecia. E n'este intuito deixamo-nos só guiar pelos verdadeiros dictames da razão e da consciencia, e cremos ter assim religiosamente practicado. E' a nossa intima convicção.

Este opusculo devia ter saído á luz mais cedo e com melhor correcção; um acontecimento porém inesperado e tristissimo, qual é o fallecimento d'um pae querido e extremamente carinhoso, que nos estremeia de amor e dedicação, fizera com que saísse agora e com alguns erros que facilmente haveis de notar, e tambem os haveis de desculpar, como esperamos, em vista do motivo que acima apresentámos.

Macáo, 9 de abril de 1872.

O AUCTOR.

INTRODUÇÃO



A PEQUENA familia portugueza da China tem, por ventura, prosperado n'estes ultimos annos?

Bem quizeramos poder responder affirmativamente; a evidencia porém dos factos obriga-nos a dizer o contrario. Basta vêr a sensivel diminuição de capitalistas portuguezes, acompanhada com o crescido numero de proletarios que vae-se rapidamente augmentando, e com o pauperismo, que d'um modo espantoso, vae engrossando as fileiras de suas desgraçadas victimas.

E qual é a causa d'esta grande decadencia? Varias são ellas: a principal porém de todas ellas—a capitalissima—é innegavel que é a falta de união entre nós os macaenses.

Desperdiçamos demasiadamente o nosso tempo e energia em questões de *lana caprina*, em malquerenças partidarias, em intrigas e insinuações cobardes e muitas vezes indecentes até, e em questões de interesse puramente particular, em lugar de estudarmos sériamente a nossa posição com o fim de a melhorar, e de pôr um dique ao progresso do nosso empobrecimento.

Este estado lamentavel deve acabar.

Os filhos de Macáo devem convencer-se de uma vez, que estão abandonados a seus proprios esforços, e não devem fundar as suas esperanças na coadjuvação alheia; se querem portanto conquistar uma melhor posição, devem trabalhar por si mesmos, por meio d'uma união fraternal.

Lembrem-se de que a união é força, como a divisão é fraqueza. A desunião afugenta sempre a prosperidade, e o campo lavrado pelas facções não produz senão abro- lhos.

E' necessaria a união para promover uma educação e instrucção appropriadas para os filhos d'esta terra.

E' necessaria a união para se auxiliarem melhormente.

E' necessaria a união para protegerem uns aos outros.

E' necessaria a união para formarem boas e uteis associações.

E' necessaria a união para encetarem quaesquer empresas lucrativas e honrosas.

E' necessaria em fim a união para tudo, porque todo o mundo é pela união.

Oxalá possam os nossos compatricios compenetrarem-se bem d'estas augustas verdades, e tratem de vencer todas as difficuldades a fim de conseguir este *desideratum*.

Não faltarão com certeza inimigos nefastos que maquinem para impedir esta união. Mas todo o macaense de brio e de pundonor deve trabalhar, com todas suas forças, para combater essas maquinações tenebrosas, que tendem a prejudicar-nos.

Deve elle combater e desmascarar todos esses especuladores politicos, que procuram semear sizanias e formar partidos para fins eleitoraes.

Deve combater esses ambiciosos do poder, que se esforçam em cimentar entre nós as dissensões, a fim de poderem perpetuar o seu predominio e a sua prepotencia.

Deve combater esses obscurantistas, que desejam conservar os macaenses nas trevas da ignorancia, com o fim de poderem ao depois com ella especular.

Deve em fim combater todos aquelles que fomentam as desuniões, só porque lucram com ellas.

Da nossa parte, não duvidamos entrar na liça, embora sejam fracas as nossas forças.

Como a mentira e a falsidade teem sido sempre as armas favoritas, com que se tem procurado dividir os macaenses, para elles se guerrearem mutuamente, importa sobremaneira patentear a verdade, para que os incautos se não deixem enganar; e da nossa parte não pouparemos nenhum esforço e sacrificio para que ella brilhe em toda a sua luz.

Ha muitas questões que teem sido n'estes ultimos annos mui desfiguradas, mas nenhuma o tem sido tanto como o dos professores jesuitas do seminario de S. José.

O jornal *Oriente* acaba novamente de suscitar esta questão, deturpando-a e enredando-a de um modo altamente insultante ao povo macaense.

É' no seio d'este mesmo povo, que ha bem poucos dias acabava de dar tantas demonstrações de estima e gratidão a estes utilissimos e chorados professores, que se levanta o *Oriente* e diz: "O seminario administrado pelos jesuitas ou suas creaturas não podia ser considerado com seriedade como casa de ensino."

Tamanho arrojo em faltar a verdade—a dignidade dos macaenses nunca o tolerará, sem dar-lhe um correctivo condigno.

Esta questão dos professores jesuitas tem sido, qual outra tunica de Cesar, um expediente nas mãos dos especuladores, para fomentar partidos e extraviar a opinião do publico.

E' por isso que nos resolvemos, primeiro que tudo, elucidar esta questão, apresentando os factos, como elles são, á apreciação do publico, para que a verdade triunphe, e as mentiras e calumnias sejam esmigalhadas e condemnadas ao desdem que merecem.

Aproveitamos tambem do ensejo para convidar os nossos compatricios a pensarem sériamente sobre a instrucção publica dos macaenses, e exporemos francamente o que pensamos a respeito d'este tão importante assumpto.

Vamos mostrar o estado decadente em que estava a instrucção publica em Macáo antes da vinda dos jesuitas ; os serviços que elles teem prestado ; as provas de reconhecimento e gratidão que lhes deram os macaenses, e finalmente os meios a que devemos recorrer para promover uma solida instrucção.

I

Houve em Macáo uma epocha desgraçadissima, não mui remota, em que a instrucção publica chegou a uma tão ignominiosa decadencia que causa horror.

Para pintar este triste reinado de trevas e de ignorancia, bastar-nos-ha transcrever alguns energicos artigos do jornal *O Echo do Povo*, cujo illustrado redactor levantou bem alto um brado contra tamanha incuria, tanta apathia, e tão vergonhoso abandono.

No n.º 68 do citado jornal com a data de 15 de julho de 1860, lemos o seguinte trecho:

“Macáo, sabemos nós, que vae cumprindo o vaticinio (que mais de uma vez hemos feito lembrar) de um jornal de Lisboa, prophetisando que brevemente *ia a ser reduzido a uma terra de selragens*; palavras formaes d’essa prophecia. Isto dizia a *Revolução de Setembro*, ha obra de 20 annos a esta parte, por lhe constar que a instrucção publica de Macáo acabava de receber um golpe mortal, com o fallecimento do muito rev. p.º Gonsalves; que diria se soubesse do estado lamentavel a que ella hoje se acha reduzida?!

Clamamos para esse chamado deputado por Macáo, o sr. Mattos Corrêa, expondo-lhe a necessidade de acudir com promptas providencias sobre um objecto de tamanha transcendencia

para o paiz, de que vae ser procurador e advogado junto do governo da metropole, e subministramos um plano, o melhor que nos lembrava, para salvar essa terra dos tristes effeitos, que já se fazem grandemente sentir, do embrutecimento de quasi todas as classes ; porém mal podemos esperar que o nosso clamor será attendido.

É systema de ha muito adoptado pelo governo da metropole, o de approvar todos os actos de seus governadores ultramarinos, e não guiar-se senão pelas suas informações. Ora sendo esta uma verdade de facto conhecida de todos, o que se pode esperar da deputação do sr. Mattos Corrêa, que seja favoravel ao nosso objecto, se sua ex.^a o sr. Guimarães, de quem aquelle senhor é verdadeiro deputado, não se embaraça com a illustração da mocidade macaense, como indigna de cultura !

É tambem um obstaculo, e não pequeno, para que possa valer na côrte o nosso clamor, o silencio total dos macaenses a este respeito; porém é tambem outro signal de que já não esperam remedio.

Diversas vezes havemos convidado com quantas forças tinhamos a que os homens mais illustrados de Macáo, que ainda restam da geração passada, se reunissem connosco a descrever o estado do paiz, mostrando o desenvolvimento e progresso de que é susceptivel.

Apontamos mesmo os assumptos principaes de que deviam occupar-se, sendo primeiro de todos a instrucção publica, como seja esta a primeira necessidade de um povo, e germen de toda a civilisação. Porém parece que uma apathia geral tem entorpecido todos os animos.

Comtudo a noticia que nos dá o contemporaneo, verdadeira ou falsa, de que a camara acaba de nomear uma commissão para formar um plano d'estudos para collegios de educação de ambos os sexos, nos enche de consolação.

Concordamos perfeitamente com o contemporaneo em que estes collegios devem formar uma corporação tal qual havia na existencia da congregação da missão em Macáo, em ordem a que os mestres e discipulos, habitando uma mesma casa possam aquelles conhecer melhor as disposições e tendencias dos educandos ; porém achamos esta lembrança impracticavel.

Seja como fôr, é necessario metter mãos á obra, e trabalhar com afino e disvelo, para que se melhore ao menos quanto possivel este ramo de serviço publico.

Entretanto clamemos e tornemos a clamar para essa mãe ou madrasta da patria, que não se faça inteiramente surda á tão justas e urgentes supplicas.

Os macaenses não desejam nada mais, senão que venham de Portugal alguns mestres bons, a quem se possa confiar a educação e instrucção da mocidade.

Negar-se a tão limitado pedido é vergonha, injustiça e crueldade !

No mesmo jornal de 24 de março de 1861, lemos o seguinte:

“ O governo de Portugal verá n'esse artigo uma ingenua descripção do lastimoso estado em que se acha a instrucção publica em Macáo.

Não ha ali uma só escola que possa lisonjear-se merecidamente d'este honroso titulo (bem que não contestamos a dedicação e zelo dos mestres).

O governo pela sua perniciosa apathia de ha muito tem abandonado o cumprimento d'este seu sagrado dever, qual o de promover os meios para dar á mocidade macaense a instrucção que carece.

Notamos com sensivel magoa a crassa ignorancia que hoje reina em Macáo.

Não existe n'aquella cidade um só macaense de vinte annos que saiba lêr, fallar, e escrever com acerto a sua propria lingua! Ao longe parecerá isto uma calumniosa exaggeração, mas infelizmente é uma verdade.

Donde isto provém? Da falta de talento da parte dos macaenses? Da falta da vontade de aprender? Da falta de livros? Da falta de tempo?

Não, certamente não.

Provém sim da falta de um collegio com bons mestres, no que só o governo e ninguem mais tem toda a culpa, havendo aliás sobejos meios para isso.

Haja economia e muita economia na administração da fazenda, pois sem ella a caixa publica não estaria cheia como está, e por isso graças sejam dadas ao bom economo. Mas a economia excessiva é sordida;—*querer um professor da lingua portugueza por vinte patacas ao mez, outro da ingleza por vinte e cinco, outro da chineza por dez, outro da musica por cinco*, e assim á proporção, e por que os acha taes, entende que são bastantes para confiarmos a instrucção de toda uma cidade, é, ou não conhecer de que preço ella seja, ou querer reduzir os habitantes a uma horda de selvagens.

Dirão talvez que é melhor ser a terra lavrada por burros, que deixal-a inculta—muito bem, se Macáo dependesse ainda da metropole, que nem olha para si, e muito menos caso fará de suas colonias, todas miserabilissimas; porém hoje que a caixa publica está farta, por que não mandam vir do reino professores, que taes se possam chamar? Portugal os possui; é o governo que d'elles não se quer aproveitar.

As cincoenta mil patacas que mandaram para Angola, não eram mais que bastantes para dotar um collegio (havendo já edificio adequado para esse fim) tal qual Macáo precisa? Por que os de cá não se lembraram da applicação d'esse dinheiro primeiro que os senhores ministros se lembrassem de mandal-o pedir para um fim que não apparece?

Extranhámos por certo a apathia e o indesculpavel desleixo de s. ex.^a o sr. governador Guimarães e de dois seus antecessores, o sr. Adrião e o sr. Pegado, em cujo tempo a caixa publica tinha para dispender. A esses senhores cabe toda a responsabilidade do estado de embrutecimento, em que se acham hoje os mancebos de Macáo. Temos visto filhos de pessoas de alta classe da sociedade, vadiando, ou quando muito, tornarem-se lorcheiros, soldados de policia, chuchaeiros, e abraçarem occupações ruins d'esta classe, por falta de prestimo (causada pela falta de ensino) para occupar cargos honrosos."

O outro artigo tambem do *Echo do Povo* que se vae lêr, é mui interessante, por que forma um pequeno quadro historico do assumpto que nos occupa.

É um artigo communicado que veio publicado no n.º 68 de 15 de julho de 1860. Ao transcrevê-lo julgamos a proposito fazer-lhe algumas pequenas modificações na redacção para a sua maior clareza.

Eil-o:

"Lançando uma vista de olhos sobre o estado da instrucção publica em Macáo, e fazendo um paralelo da actualidade com o que Macáo já teve n'este importante ramo de serviço publico, todo o macaense, por pouco que seja dotado de patriotismo e de ideias do progresso, não poderá deixar de vêr com magoa o estado lamentavel, a que a instrucção tem chegado n'este desgraçado paiz.

Mostrar a sua decadencia, apontar os meios de melhoramento e indicar os recursos que o paiz offerece, seria um trabalho digno de ser encetado por uma habil penna, por que d'ahi resultaria immenso beneficio para o paiz. Na falta, porém, de quem queira dar-se a este trabalho, eu, apesar da minha incompetencia, levanto a minha voz, bem que fraca, para fazer vêr ao mundo civilisado que ainda ha no paiz quem sinta os males da patria.

Em 1820, no ultimo periodo de tempo chamado de absolutismo, Macáo possuia as seguintes casas de instrucção:

Uma escola de instrucção primaria sob a direcção do diocesano.

Uma aula de grammatica portugueza e latina, regida por um professor que tambem ensinava rhetorica e philosophia.

Um collegio muito bem montado com seis professores, pela mór parte, homens de muito saber e virtude. Ensinavam-se ahi, além de lêr, escrever e contar, as linguas portugueza, latina, ingleza, franceza e chineza, e bem assim a musica. Havia no collegio cadeiras de rhetorica, philosophia e dos estudos ecclesi-

asticos, além da escola de mathematica que regia o sr. Saraiva, bispo de Peking.

Uma academia militar e da marinha, com tres lentes.

El além das acima mencionadas havia outras aulas gratuitas, regidas pelos parochos das freguezias e pelos frades dos conventos, principalmente pelos de S. Domingos, que tinham uma boa escola.

Até aqui tenho enumerado as escolas que subsistiam até 1820.

Vou agora registar a rapida decadencia d'ellas, e as causas que reduziram a instrucção publica em Macáo á miseria em que ora vegeta.

Em 1821, quando chegou a Macáo a noticia da aclamação da constituição em Portugal, houve grande exaltação dos animos. Um poderoso partido queria que a constituição fosse immediatamente posta em execucao, mas como houve opposição da parte do governo, rebentou uma revolução; e por esta occasião foram mandados para Portugal, depois de terem estado presos por algum tempo na fortaleza do Monte, o governador José Osorio e o ouvidor Arriaga. Este, porém, ao embarcar-se para Europa, pôde fugir para Cantão.

N'essa occasião, logo depois da revolução, foram mandados para Góa alguns militares do partido do governo, incluindo o sr. Cavalcante, lente do segundo anno da academia militar.

O sr. Arriaga ficou em Cantão até 1823, quando aqui chegou a fragata *Salamandra*, que veio de Góa para restabelecer o antigo systema. Depois da chegada de *Salamandra*, todos os membros do governo provisorio e todos os complicados na revolução foram perseguidos. Uns foram presos e deportados, e outros que puderam escapar-se, tiveram de emigrar. Foi então preso tambem o lente do primeiro anno d'academia militar, o sr. Paulino da Silva Barbosa.

O lente do terceiro anno d'academia, vendo-se só e não tendo já que fazer, pediu e obteve que fosse mandado para Portugal.

D'este modo, pela falta d'esses homens, acabou a academia militar e da marinha.

N'essa mesma occasião, o principal mestre do convento de S. Domingos (que era redactor de uma folha intitulado a *Abelha da China*) teve de fugir para Calcuttá.

N'esse mesmo tempo foram presos tres professores do collegio de S. José. Um d'elles foi nomeado depois vigario em Singapura, onde morreu, e os dois outros voltaram ao collegio, o qual com a volta d'elles, e com a chegada de mais alguns padres novos de Portugal, continuou a funcionar, mas já não com tanta regularidade como d'antes. Passado algum tempo dois dos padres novos foram para as missões a que eram destinados; dois dos professores velhos falleceram, e dos que restavam foi um eleito bispo de Macáo, um outro para seu coadjutor, e outro para bispo de Nankin. D'este modo só restou no collegio o muito virtuoso

e respeitavel anciao o r.^{mo} p.^o Leite, que continuou a ensinar o latim até 1854, quando falleceu. D'este modo acabou todo o ensino no real collegio de S. José.

O professor da grammatica portugueza e latina, o sr. José Baptista de Miranda e Lima, foi n'essa epocha suspenso do logar, por suspeita de ser miguelista, e quando depois de alguns annos foi n'elle reintegrado, os desgostos já tinham minado a saude d'este litterato macaense, que morreu pouco depois, e nunca mais foi substituido. Assim veio a desapparecer tambem esta aula de grammatica portugueza e latina.

No anno de 1825, por falta da academia militar, lembrou-se de nomear um lente ou um mestre de pilotagem, com a obrigação de ensinar os elementos de mathematica e pilotagem aos que quizessem dar-se á vida do mar. D'esta escola saíram alguns pilotos instruidos, e d'estes ainda restam alguns. Com a morte do lente, o sr. Francisco Xavier Lança, acabou tambem essa escola, porque não teve successor.

D'esta sorte, em 1848, já não havia para a instrucção publica d'esta cidade, senão uma aula de primeiras letras, e a aula que dava em S. José o venerando anciao p.^o Leite (apezar de que elle já não ganhava paga como mestre).

A camara municipal d'esse anno (*a mesma que foi dissolvida pelo governador Amaral porque achava-a mui progressista*), composta de homens de ideias liberaes, animada pelo patriotismo, procurou obstar, com quanto estava ao seu alcance, aos progressos da ignorancia, que avançava a passos de gigante. Com mui louvavel zêlo fizeram os membros d'essa camara uma subscrição, tomando por base umas \$5,000, legadas pelo illustre negociante Jardine Matheson, no seu regresso a Europa, e conseguiram estabelecer uma pequena escola, composta de um director que ensinava o portuguez e o latim, de um professor de primeiras letras, e de um outro das linguas ingleza e franceza. Esta escola apezar do seu limitado pessoal, e varios outros defeitos na sua organisação, tem sido mui util á juventude pobre de Macão, e chegou a ter mais de 300 alumnos. Mas o espirito de ignorancia, de egoismo, e de patronato, que tem prevalecido n'esta desgraçada terra, não contente de ver prosperar aquella pequena escola, excogitou meios para dar cabo d'ella.

O mestre director, o r.^{mo} p.^o Jorge, foi obrigado a largar a cadeira que occupava, com grande utilidade publica, porque obrigaram-n'o a aceitar o vigariato de S. Lourenço; e a direcção da escola foi confiada a um outro ecclesiastico. Um anno depois a camara teve de o despedir, ou por ter achado n'elle inaptidão, ou por sua summa severidade, pois que no cabo de um anno, estava deserta a aula das linguas portugueza e latina.

A camara d'aquelle anno, em logar de procurar um novo mestre, nomeou o mestre das linguas ingleza e franceza para ensinar ao mesmo tempo o portuguez e o latim. Este mestre, o sr. J. V. Pereira, apezar de ser de muita habilidade e intelligencia, não

podia comtudo fazer milagres; pois é clara a impossibilidade de bem preencher as funcções que tinha a seu cargo.

Se os camaristas tivessem alguma energia e patriotismo, ou se os homens mais illustrados do paiz não se esquivassem de entrar na camara, abandonando-a inteiramente, não teria assim acontecido.—Não posso deixar porém de achar rasão porque os homens independentes procuram esquivar-se de servir na camara, porque acontece infelizmente que a camara de Macáo é a unica sem dotação propria, e para as suas despezas as mais urgentes, tem de mendigar da fazenda publica, e além d'isso tem na memoria o exemplo dado pelo governador Amaral, que fez dissolver ignominiosamente essa camara, e apezar das representações feitas ao governo superior, os camaristas d'aquelle anno não receberam até hoje satisfação alguma.

Na ascensão ao throno do nosso monarcha o sr. D. Pedro V, com as noticias dadas pelos jornaes de Portugal da parte activa que tinha tomado o joven monarcha no melhoramento das escolas, ficamos nós os macaenses esperançosos de que esta colonia seria tambem dotada de escolas como as outras provincias do reino; pois que não se podia conceber que Macáo sómente seria exceptuado do beneficio de instrução, que é hoje a primeira necessidade do paiz, e muito mais esperançosos ficamos, quando ouvimos dizer que o governo estava tratando de fazer reviver o collegio de S. José. Mas foi grande a nossa decepção. Vimos inesperadamente estampada na folha official uma portaria do ministerio da marinha e ultramar, accusando a recepção do officio do governador de Macáo, no qual participava a inauguração do seminario diocesano no collegio de S. José. Havia então no collegio só dois padres que eram mui conhecidos pelas suas virtudes, mas a fama publica não lhes era mui favoravel quanto á sua aptidão para o magisterio. Para que é pois esse simulacro de seminario? Qual é o fim d'esta farça?

A mesma portaria acima nomeada auctorisava o governador para reunir a escola municipal ao collegio de S. José segundo a proposta feita por elle (governador). Este facto causou no publico em geral uma má impressão. No meu humilde entender Macáo deve ter mais de uma escola de instrução primaria; e além d'isso qual era a utilidade que se podia esperar d'essa reunião, que se effeituou só com o fim de se aproveitar do pequeno fundo que tem a escola municipal, quando o collegio tem fundos sufficientes para sustentar dez aulas como aquella que estava ao cargo do municipio?!

Se eu escrevesse só para Macáo, seria superfluo o descrever o estado do chamado seminario diocesano e o seu pessoal, mas desejo estender para mais longe a minha debil voz.

Emquanto ao material o collegio de S. José é um vasto edificio, construido pelos jesuitas, situado n'uma eminencia, com todas as commodidades para conter mais de cem alumnos internos, como já teve em outro tempo; e tem uma cerca para o recreio

dos alumnos. Todo o edificio está em muito bom estado de conservação.

Quanto ao pessoal é triste o referir; não ha mais do que um mestre de primeiras letras (o respeitavel aucião o sr. Gil), um mestre da lingua ingleza (o sr. J. V. Pereira pediu ultimamente a sua demissão; dizem que foi por causa do seu salario, que era demasiadamente modico; foi substituido por um joven, natural de Singapura ou Malaca, que nem sequer sabe fallar o portuguez), e mais dois ecclesiasticos que ensinam o portuguez e o latim, a saber: o sr. p.^o Maximo, que foi admittido n'estes ultimos mezes para substituir o sr. p.^o Barroso que regressou a Portugal, e o outro é o reitor do fantastico seminario, um dos dois padres de quem fiz menção, quando fallei da inauguração do seminario. N'estes dias se tem aberto uma escola da lingua chinesa.

Quanto ao aproveitamento ninguem está mais ao facto do que s. ex.^a o sr. governador, que assistiu aos exames do anno findo, e sahio de lá muito descontente, por que não encontrou nenhum rapaz que soubesse o portuguez e muito menos o latim.

E é d'este seminario que devem sahir os missionarios para soccorrer as nossas missões da China, os padres para parochiar as nossas egrejas e dirigir as consciencias de todos os habitantes de Macáo, e é d'onde devemos tirar homens para todos os empregos publicos e particulares!

Esta fraca pintura do triste estado da instrucção publica em Macáo, consistindo de uma unica escola muito mal montada (e esta mesma não é paga pelo governo) poderá dar uma ideia da triste sorte que espera a mocidade macaense.

Se Macáo, pela sua posição geographica não estivesse em contacto com a colonia visinha de Hongkong, se não fosse a frequencia de estrangeiros no nosso porto, se todas as pessoas que possuem meios, não mandassem educar seus filhos fóra do paiz, já esta cidade rivalisaria na ignorancia com as colonias portuguezas d'Africa Oriental, ou com o misero estabelecimento portuguez da ilha de Timor.

Se da parte do governo houvesse ao menos a desculpa de falta de meios para sustentar as escolas, seria um motivo plausivel, mas não justo, em um paiz como Macáo, onde ha recursos; mas longe d'este caso, a caixa publica nunca esteve tão bem recheada como ao presente.

Mandam para Africa umas 50 mil patacas tiradas da caixa publica de Macáo; empregam umas 25 mil patacas para edificar um palacio para o governador, e falla-se já em gastar mais 50 mil para construir um novo quartel, e não querem gastar nem um real para a instrucção da colonia, donde procede todo esse dinheiro!! Esta injustiça clama aos céos.

A caixa publica está bem provida; pois bem, separe-se uma quantia sufficiente, e depositem-n'a em algum banco de Hongkong, ou deem-lhe qualquer outro destino que pareça ser mais acertado, e dos juros d'esse dinheiro se poderá sustentar uma,

escola bem organizada. Se houver algum *deficit*, façam que contribuam os paes de familia, que mandarem seus filhos á escola, bem entendido, segundo as suas possibilidades.

Estamos certos que se em Macáo houver uma boa escola, nenhum pae de familia deixará de coadjuval-a; muito mais os ricos, que gastam annualmente algumas mil patacas com seus filhos, que são mandados ao estrangeiro para se instruirem, no que ha muitos inconvenientes, além do de não poderem aprender a lingua materna.

Quando o governo não queira costear as despesas, como aliás seria de justiça, o paiz ainda offerece varios recursos.

Existem depositadas no cofre da fazenda umas vinte mil patacas, provenientes das sobras do cofre dos orphãos, e julgo que não se poderia fazer melhor uso d'esse dinheiro do que empregal-o á prol da instrucção publica, principalmente dos orphãos pobres.

O collegio de S. José tem uma immensa renda pertencente ás missões da China, e os seus fundos estão todos empregados em valiosos predios, que possuem tanto aqui como em Singapura. Esta renda que se calcula importar pelo menos em 10 mil patacas em cada anno, deve formar já um grande capital. Todo este dinheiro poderá ser utilizado á beneficio da religião e da civilisação, empregando-o na manutenção de um collegio bem organizado, para a educação e instrucção dos missionarios para as nossas missões da China, e para servir ao mesmo tempo para a instrucção dos macaenses, como fôra outr'ora o real collegio de S. José.

Está demonstrado que ha recursos sufficientes para a manutenção das escolas necessarias ao paiz, mas cumpre ao governo tomar a iniciativa, e não posso duvidar que da parte dos macaenses deixará de haver coadjuvação.

Em conclusão peço em nome dos meus compatricios a s. ex.^a o sr. governador Guimarães queira lançar a sua vista sobre o estado lastimoso da instrucção publica em Macáo, e peço a s. ex.^a que faça reviver o collegio de S. José, estabelecendo n'elle professores habeis, para que possa haver em Macáo uma instrucção regular; procure reparar a injustiça practicada contra a camara municipal restituindo-lhe a administração da pequena escola que mandou passar para o collegio de S. José, e poz sob a administração dos padres do mesmo collegio; faça que a camara tenha mais de uma escola primaria, porque no meu fraco entender, Macáo deve ter ao menos em cada freguezia uma escola de primeiras letras; procure enfim dotar a camara de meios sufficientes para fazer face ás suas despesas, independentemente do socorro da caixa publica, a fim de haver quem sirva na camara com utilidade do municipio; e talvez s. ex.^a terá satisfação, antes de sair de Macáo, de vêr prosperar a sua obra."

O *Echo do Povo* não sobrecarregou as côres, e apenas esboçou o verdadeiro estado da instrucção

publica em 1860, dois annos antes da vinda dos professores Jesuitas.

Clamaram os macaenses, mas em vão.

Continuou o governo a fazer-se surdo, e a não tratar de nenhum melhoramento n'este ramo de serviço publico.

A continuação de tanta incuria, abandono, e miseria, ia conduzindo Macáo á beira de um abysmo de embrutecimento, quando o patriotico capitalista macaense, o ex.^{mo} sr. Visconde do Cercal (então Barão do Cercal), resolveu-se tomar a iniciativa de promover meios para fundar uma escola. Para esse fim, fez correr uma circular com data de 15 de fevereiro de 1861, em que expunha o plano da projectada escola, sollicitando ao mesmo tempo a coadjuvação pecuniaria do publico. Conseguiu-se em poucos mezes obter um capital de mais de vinte mil patacas, e dentro de pouco tempo, foram mandados vir de Portugal dois professores das linguas portugueza, franceza e latina, e de Inglaterra, um professor inglez.

Inaugurou-se esta escola com o nome de “Nova Escola Macaense” em 5 de janeiro de 1862.

Este movimento patriotico dispertou o governo da metropole, que se envergonhou de ter por tanto tempo descurado a illustração dos macaenses, os quaes sem cessar tinham feito subir energicas supplicas, que eram sempre indefridas ou olvidadas, até que a urgente necessidade obrigou os particulares a darem um frisante exemplo ao governo, de que uma pouca de boa vontade bastaria para vencer os obstaculos que se dizia haver.

Resolveu-se por fim o governo da metropole a enviar professores para Macáo, e pediu a dois jesuitas, os r.^{mos} p.^{es} Francisco Xavier Rondina e

José Joaquim d'Affonseca Mattos para vir dirigir o collegio de S. José.

O governo sabia perfeitamente que elles eram da Companhia de Jesus, e que um d'elles era italiano; nem por isso teve o illustrado ministro d'esse tempo a menor objecção em os convidar, e em os mandar pela mala com toda a pressa para esta cidade.

Elles logo que aqui chegaram, trataram de organizar o collegio, onde havia tudo a crear. Já em 8 de junho de 1862 puderam inaugurar a abertura das aulas com grande solemnidade, a que assistiram as primeiras auctoridades e todas as pessoas mais conspicuas da cidade.

Para dar uma ideia das impressões então dominantes, não podemos fazer melhor do que transcrever do *Echo do Povo* de 15 de junho de 1862 um artigo que dá conta da festa d'abertura das aulas:

Eil-o:

“O anno de 1862 será sempre lembrado nos fastos da historia macaense como uma epocha de feliz recordação para a nossa cara patria. A inauguração de duas novas escolas, a que tivemos a satisfação de assistir n'este anno, vae naturalmente crear uma nova era para Macáo, “era de renascimento da educação para a juventude macaense,” depois de tantos annos de um total olvido d'esta necessidade vital da nossa patria. O interessante espectáculo que presenciamos hontem no local do collegio de S. José, de tantos pais de familia abdicando uma parte importante do poder paternal a favor dos dignos padres do seminario, ainda pouco conhecidos, mostra claramente a necessidade de haver em Macáo um estabelecimento, como o que acaba de crear-se, que receba alumnos internos; e deve ser ao mesmo tempo um espectáculo bem consolador para as almas generosas, que teem contribuido, já com dinheiro, já com sua influencia, já com seus escriptos para promover a educação da juventude macaense n'estes ultimos tempos.

Se as nossas esperanças teem sido em parte frustradas, se o resultado não tem correspondido cabalmente ao que se podia e devia esperar da criação da “Nova Escola Macaense,” que tinha começado debaixo de tão bons auspícios, por eventualidade não

dependente da vontade dos promotores d'ella ; ao menos a criação d'aquella escola tem trazido a nossa patria varios uteis resultados, sendo o primeiro e o mais importante certamente, o de ter concorrido poderosamente, por diversas circumstancias a activar a remessa dos mestres para o collegio de S. José, que o governo tinha feito esperar por tantos annos ; promessa que nunca acabava de cumprir e de que tinhamos perdido as esperanças. Tendo a final visto que uns particulares cá n'este canto do mundo, por uma subscrição particular, puderam mandar vir mestres de Portugal e Inglaterra, não podia já o governo deixar de tratar seriamente de cumprir uma promessa tantas vezes e tão solememente feita da remessa de mestres para o seminario diocesano, que estava inaugurado sim, já ha alguns annos, mas que não era mais que um simulacro pela inteira falta do pessoal ; aquella empreza motivou tambem que os mesmos homens que mais opposição fizeram á criação da "Nova Escola Macaense," servissem d'esta vez muito bem por aquella mesma rivalidade aos interesses do paiz, porque vendo que ia avante o projecto da escola, apezar de tanta opposição, e não tendo elles querido contribuir para aquella escola, concorreram tambem para levar a effeito o estabelecimento de um collegio, recebendo alumnos internos, como era o desejo geral, mas que já ninguem se atrevia a esperar, depois de tantos annos de uma esperança sempre frustrada.

Outro bom resultado que Macáo obteve com a criação da "Nova Escola Macaense" foi o de ter mandado vir um bom mestre da lingua ingleza, que é ao mesmo tempo da religião catholica e natural de Londres, para poder ensinar com perfeição e verdadeira pronuncia a lingua ingleza.

Uma circumstancia que deve ser de um resultado immenso, é a escola particular que os mestres da "Nova Escola Macaense" dão ás meninas, tanto da lingua ingleza como da portugueza e franceza, pois por uma carencia absoluta de mestras, tem-se achado necessario empregar mestres para ensino de meninas. Além d'isto quanto mais meios de instrucção houver, tanto mais utilidade é para o paiz.

Fazemos sinceros votos pela prosperidade do novo estabelecimento d'ensino, como tambem pela conservação da "Nova Escola Macaense" ; temos já bastantes motivos para ficarmos bem satisfeitos dos nossos esforços, á vista dos bons resultados que temos obtido, esperando agora que o tempo venha realizar os nossos ardentes desejos no melhoramento da educação moral e intellectual da nossa cara patria. Macáo, 9 de junho de 1862."

Até aqui só temos historiado.

A historia porém é mestra da vida, como diz Cicero, e por conseguinte não devemos desprezar as lições que ella nos offerece.

Temos desenrolado o passado da instrução publica em Macáo, e temos contemplado as peripeccias pelas quaes ella tem percorrido.

É um passado lugubre e de tristes recordações, mas possa elle ser-nos ao menos util como um escarmento para o futuro.

Temos visto desde 1820 até 1862, da parte do governo, a mais culpavel incuria e completo abandono; e da parte dos macaenses, clamores incessantes de um povo sedento de instrução, que a mãe patria descurava dar-lhe.

Temos visto que para despertar o governo do lethargo em que jazia, e para movê-lo a mandar dois professores para Macáo, foi necessario que os habitantes d'esta cidade se unissem para fundar a "Nova Escola Macaense," protestando contra o desmazêlo dos poderes publicos n'um ramo tão importante de serviço publico.

Mas reflectam e ponderem bem os macaenses n'este ponto. Nem sempre poderemos repetir protestos semelhantes.

Nem sempre poderemos estimular o governo a mandar-nos professores, por meio de fundações de Novas Escolas Macaenses.

Nem sempre poderemos levantar um capital de mais de 20 mil patacas.

O que a experiencia nos diz claramente, é que a unica precaução que nos resta contra a incuria do governo, a unica garantia segura contra o nosso retrocesso para a barbarie, é a fundação de um collegio puramente sustentado por particulares, pelos paes de familia e por aquelles que teem interesses permanentes n'esta cidade.

Se o governo não olvidar o cumprimento de seus deveres, se tomando a peito a illustração da

mocidade macaense, multiplicar as escolas e enviar bons professores, nós ficaremos gratos ao governo; mas nada perderemos com a fundação e manutenção de um collegio particular.

Porém se o governo tornar a abandonar-nos nos braços da ignorancia e do embrutecimento, como tem feito desde 1820 até 1862, já não ficaremos logrados, e teremos o collegio particular onde possamos educar os nossos filhos.

Até ao presente nada nos garante que não virá a repetir-se o mesmo abandono da parte do governo, pelo contrario temos rasões bastantes para assim receiarmos.

Vimos ultimamente publicar-se o decreto de 20 de setembro de 1870, que em lugar de promover os verdadeiros interesses de Macáo, veio prejudicá-los muito.

Vimos sairem de Macáo, em consequencia d'esse infeliz decreto, quatro professores experimentados, quatro sacerdotes de grandes virtudes, de costumes exemplarissimos e de consummado saber; e em troca d'elles não veio mais do que um unico joven secular como professor do latim (*), embora tenha havido uma série de nomeações e exonerações de conegos.

Todos estes factos nos dizem bem alto que não devemos cruzar os braços, e abandonar ao acaso a educação da mocidade macaense.

Trabalhemos—trabalhemos com afinco—em quanto é tempo; e esforcemo-nos agora, para que não nos arrependamos mais tarde da nossa incuria e apathia.

(*) O sr. dr. Magalhães tambem é professor do seminario, mas nunca viria a Macáo somente como tal, e se não pertencesse ao quadro da saude, como é evidente.

Unamo-nos todos, e procuremos estabelecer sob bases seguras o futuro da instrução dos nossos compatriços, se não queremos expol-os ao perigo de serem condemnados ás trevas da ignorancia, que será a nossa completa ruina.

É esta a importantissima lição que nos dá a historia da nossa patria.

II

Que beneficios fizeram os padres jesuitas que ultimamente cá estiveram?...

É isto o que incessantemente ouvimos proferir os que, com malicia, desejam e procuram sempre deprimir o character honrado d'esses eximios e virtuosos padres da Companhia de Jesus, que esta cidade teve a ventura de possuir só por alguns annos, e cuja perda é hoje tão sentida quanto lamentada por todos os verdadeiros filhos de Macáo.

Que beneficios fizeram os padres jesuitas? Respondam esses desditosos cujas lagrimas elles enxugaram; respondam esses infelizes cujas dôres —as dôres moraes—elles mitigaram; respondam esses individuos e familias inteiras cuja fome elles mataram; respondam esses jovens de ambos os sexos que elles salvaram da beira do abysmo da perdição; respondam essas inimizadas que elles dissiparam, fazendo reinar a paz e concordia onde antes dominava o inferno das dissensões; respondam essas almas extraviadas que elles conduziram para o redil do Senhor; respondam essas

conversões que fizeram; respondam esses infelizes, acabrunhados pela desgraça e desesperação, em cujos corações elles fizeram brotar a esperança—esta filha do céo;—respondam esses enfermos quantas e quantas vezes não estiveram elles á sua cabeceira, animando-os com aquelle espirito verdadeiramente apostolico, e fazendo n'elles renascer a fé, a esperança e a caridade?!...

Que o digam os leaes habitantes d'esta cidade, que ainda conservam d'elles tão pungentes saudades.

Perguntae aos pobres, aos desvalidos, aos orphãos, a todos os desgraçados e atribulados, e a todos os bons catholicos, se era ou não uma consolação para a cidade de Macáo, o possuir no seu seio uns homens, como aquelles bons religiosos, que reuniam em si grandes virtudes adquiridas n'um tyrocínio prolongado de abnegação e mortificação, profunda sciencia grangeada em longos annos d'estudo, variada experiencia contrahida nas diversas viagens que fizeram em diferentes paizes, e sobretudo uma entranhavel caridade e o mais completo desinteresse.

Seria longo o enumerar todos os serviços que elles prestaram em Macáo, e podemos apenas esboçal-os com breves traços.

O reverendo p.^o Francisco Xavier Rondina, prérgava, quasi sempre gratuitamente, em toda a parte e todas as vezes que o convidavam; seus discursos cheios de unção, convincentes pela robustez logica dos argumentos, e attrahentes pelas esmeradas galas da mais pura e bella eloquencia, enchiam o templo de fieis, que corriam pressurosos a ouvil-o, porque tinham a certeza de que voltariam para suas casas com algum novo co-

nhecimento, com alguma ideia mais bem esclarecida, ou com desejos de se aperfeiçoarem no caminho da virtude.

Tres dos seus discursos foram aqui impressos. Um d'elles foi recitado no ultimo dia do triduo celebrado em desagravo da injuria feita ao Nosso Senhor Jesus Christo por Ernesto Renan; um outro foi recitado em Sanchoam, junto do sepulchro do grande thaumaturgo S. Francisco Xavier; e o outro foi recitado na festa de 25.º anno do pontificado de Pio IX.

E o que diremos da sua aprimorada obra de philosophia racional, que elle escreveu, sendo estrangeiro, em a mais pura e correcta linguagem portugueza, para os jovens macaenses que desejassem estudar esta sciencia; obra que já tem sido muito elogiada por alguns jornaes do reino, de um modo tão brilhante quanto honroso para o seu auctor ?

Pedimos ao sr. marquez de Sá da Bandeira, e a todos aquelles, que levados por más informações, tem desconsiderado a este bom padre, que leiam esses discursos e essa obra, e digam, com a mão na consciencia, se não é uma injustiça, uma barbaridade, um absurdo até, expulsar d'um seminario portuguez um sacerdote que maneja com tanta eloquencia a lingua de Camões, méramente por um futil e rediculo pretexto de ser estrangeiro !!...

Foi o p.º Rondina quem suggeriu a iniciativa de abrir um asylo dos orphãos no seminario, e foi um dos mais infatigaveis em promover os meios de sustentar estes innocentes desvalidos.

Foi o p.º Rondina director incansavel, por alguns annos, do ensino e dos alumnos do seminario.

Foi o p.º Rondina quem introduziu em Macáo os exercicios espirituaes para os jovens e para os seculares em geral, o que tem produzido um immenso bem espiritual.

Foi o p.º Rondina quem promoveu as romarias para o sepulchro do grande Apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, na ilha de Sanchoam.

Foi o p.º Rondina quem mandou vir de Lisboa o professor de desenho e de pintura, o sr. Ferreira, que tão util tem sido a Macáo, e que tantos discipulos deixou.

Foi o p.º Rondina quem fez vir de Roma o maestro Luigi Antinori, para aqui introduzir o bom e verdadeiro gosto da musica.

Foi o p.º Rondina quem animou varios jovens a seguirem as profissões liberaes.

Foi o p.º Rondina director espiritual do collegio das irmãs de caridade, desde a sua fundação.

Estes e outros serviços que poderíamos enumerar, foram prestados por elle com o maior disvelo e amor, e com todo o desinteresse.

O r.º p.º Jose Joaquim d'Affonseca Mattos, tambem era excellente orador, prégava com muita eloquencia todas as vezes que para isso o convidavam; tinha grandes conhecimentos sobre a litteratura portugueza, e era profundo conhecedor da sua propria lingua; visitava muitas vezes os hospitaes; e sempre prompto corria á cabeceira dos doentes que d'elle necessitavam, a toda a hora que o chamavam. Soccorria com o pouco de que podia dispôr a todos os pobres que fossem bater á sua porta. Ensinava com disvelo e amor seus discipulos, e muitos d'estes teem aproveitado muito das disciplinas que elle leccionava.

O r.º p.º Cahill, ainda que estrangeiro, pré-

gava em portuguez com muita fluencia; fez algumas conversões de pagãos e protestantes; por muito tempo serviu gratuitamente de capellão dos presos da fortaleza do Monte; e era muito esmóler.

O r.^{do} p.^o Virgili desempenhou por muitos annos o fastidioso cargo de prefeito dos alumnos internos, e foi quem educou e instruiu os seminaristas chinas, que em breve talvez se hão de ordenar. Era muito abalisado em theologia e mathematica.

O r.^{do} p.^o Pereira era muito procurado para confessor e director espiritual principalmente dos enfermos, á cuja cabeceira tem elle vélado ás vezes noites inteiras; era tão mortificado como cheio de uncção, modestia e caridade, que edificava a toda a cidade.

Todos estes bons e virtuosos sacerdotes liberalisavam esmolos segundo as suas minguadas posses; ouviam de confissão um grande numero de penitentes; estavam sempre promptos ao mais leve chamamento dos doentes; baptisavam e remiam um numero immenso de crianças pobres dos chinas; emfim, onde estava a desgraça e onde havia lagrimas, ahi se achavam elles tambem para soccorrer, animar e consolar.

Como ministros do altar, foram elles incansaveis e austéros no cumprimento de seus deveres, e era isto uma verdade tão innegavel, que ainda não temos ouvido nem os seus maiores inimigos deprimil-os a este respeito.

Como professores prestaram á mocidade estudiosa relevantes serviços, que a posteridade ha de lembrar sempre e abençoar.

Para prova da nossa asserção, não iremos buscar o testemunho de seus discipulos, nem de seus amigos ou de seus admiradores.

Vamos apresentar uma auctoridade insuspeita em todo o sentido, a qual vos dirá, quaes as disciplinas que no tempo dos jesuitas se ensinavam no seminario de S. José.

No *Boletim do governo da provincia de Macão e Timor* de 20 de janeiro de 1868, vem publicado um discurso do r.^{do} conego Antonio Luiz de Carvalho, actual governador do bispado, então reitor interino do seminario de S. José (na ausencia do r.^{do} conego Gouvêa), que foi recitado na occasião da distribuição de premios em 12 de janeiro do mesmo anno. D'este discurso extrahimos em seguida o programma dos estudos que formavam o curso do seminario de S. José, no tempo em que ahi leccionavam os padres jesuitas. É um testemunho inconcusso que nós invocamos.

Leiam esta resenha dos estudos que o seminario então franqueava aos macaenses, e digam os homens de boa fé e imparciaes, e todos aquelles que ainda conservam pudor sufficiente para não mentirem descaradamente, se um estabelecimento onde tantas disciplinas se ensinavam “ não podia ser considerado com seriedade como casa de ensino ”

Eil-a :

“ Duplicado, senhores, é o fim que nos reuniu aqui :—premiar o merito e estimular outros para merecer. São na verdade dois motivos assáz fortes para vos attrahir a attenção, e virdes honrar este acto com a vossa respeitavel presença, dando assim um não equivoco testemunho que estimaes e promoveis a illustração na vossa terra e acompanhaes o século no seu desenvolvimento progressivo,—desenvolvimento que passando rapidamente de nação a nação, levanta sobre a terra uma poeira brilhante, e deixa atraz de si a felicidade dos povos.

Sem duvida, senhores, a cultura das artes e das sciencias é um largo e perenne manancial da grandeza, prosperidade e gloria dos imperios.

Firme n'estes principios, eu como superior d'este estabelecimento, empregarei todo o meu empenho para que elle continue com o seu grande fim :— da educação da juventude macaensé, de quem está pendente a gloria e a felicidade d'esta cidade.

Para o conseguir, esta casa, abre hoje mais uma vez as suas portas a todos aquellos que quizerem aprender aqui as linguas e as sciencias, tão uteis e necessarias ao homem para entrar, viver e representar um papel honroso na sociedade.

Longo me seria tecer agora a apologia d'estas linguas e sciencias, e narrar-vos por miudo as summas vantagens que resultam do seu estudo. Seria isso abusar até da vossa paciencia; contudo não posso deixar de dizer-vos duas palavras, para vos estimular, meninos, a cultivar este fertil campo, aonde o espirito do homem, se nutre, se desenvolve, se illustra, e se torna senhor e dominador da materia.

As disciplinas que se ensinam n'este seminario, comprehendem :—a instrucção primaria, todos os preparativos da instrucção secundaria, e a instrucção superior para o estudo ecclesiastico, quando apparecem alumnos, que se destinem a tão nobre e sublime missão. Permitta Deus que em breve appareçam vocações para este estado, que eu as aproveitarei e tratarei de educar a fim de desempenharem dignamente o importante ministerio, que o sacerdote exerce na familia, e na sociedade.

Estes alumnos, quando os haja, prenderão toda a minha attenção, e serão os meus filhos mais queridos.

A instrucção primaria está dividida n'este seminario em tres aulas, que depois de cursadas, saberá o alumno, além de lêr, escrever, e contar, a doutrina christã, as regras de civilidade, os principaes deveres para com Deus, para com o proximo, e para comsigo mesmo,—a historia em resumo de Portugal, e a sua chorographia, e além d'isto ficará com algumas breves ideias—sobre as artes, e principaes notabilidades, que têm apparecido no mundo.—Importante, senhores, é este ramo da instrucção publica, e tão importante, que todas as nações, mesmo as menos cultas, tratam de o melhorar conforme as suas circumstancias o permittem.

Eu olharei tambem por elle, e prometto melhoral-o, quanto possa, aproveitando-me de todos os elementos que possa dispôr.

Depois de frequentadas estas tres aulas de instrucção primaria, passam os alumnos por um rigoroso exame e entram no estudo da grammatica da lingua portugueza. Que cousa haverá mais util para o homem do que apprender a lingua da sua nação —a lingua que fallaram seus antepassados, e a lingua que ouviu de sua mãe, quando ainda menino o embalava no berço! Os sagrados nomes de Deus, de pae, de mãe, de irmão, de amigo, de amor, de gratidão e outros muitos só se lhes conhece sua in-

tima e verdadeira significação quando são pronunciados com as mesmas letras e accêntos com que os ouvimos nos nossos dias de infancia! E a nossa, senhores, a nossa lingua, quanto é bella, quanto é rica e suave! Não sou eu quem vou a fazer o seu elogio, mas sim é um dos nossos classicos, que a tinha estudado a fundo, confrontando-a com todas as outras. Não posso deixar de repetir aqui as suas proprias palavras: "A lingua portugueza, diz elle, é branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, e breve para resolver. Para fallar engraçada, com um modo senhoril: para cantar é suave com um certo sentimento, que favorece a musica: para prégar é substanciosa, com uma gravidade que auctorisa as rasões e as sentenças; para escrever cartas, nem tem infinita copia que danne, nem brevidade esteril que a limite: para historias, nem é tão florida que se derrame, nem tão sêca que busque o favor das alheias. Escreve-se da maneira que se lê, e assim se falla. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunção da latina; a origem da grega; a familiaridade da castelhana; a brandura da franceza, a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças, que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade."

Não é isto um elogio pomposo, senhores, é a realidade. Estudai-a, e vereis, quanto é cadente e harmoniosa em Camões, quanto é suave, doce e branda em fr. Luiz de Sousa, e quanto é propria em seus termos, rigorosa em sua significação, fertil em suas palavras em p.^e Antonio Vieira. Estudai-a, senhores, não só porque é bella, mas tambem porque é a vossa lingua, e a lingua de vossos pais e de vossos antepassados. Embora o seu leito esteja recostado sobre as aguas do Atlantico, embora milhares de leguas nos separem da terra-mãe;—este horizonte da patria. Esta cidade foi edificada e povoada pelos portuguezes. Aqui se reflectem, atravez do immenso mar, as mesmas leis e quasi os mesmos usos e costumes de Portugal. Pois bem fallemos a lingua portugueza, e mostremos em tudo, que esse velho gigante, que foi outr'ora do mundo assombro, ainda se espelha com vida nas aguas do mar da China.

Depois de sabermos a nossa lingua, nada mais util do que sabermos a dos nossos vizinhos. É por isto que se estudam tambem aqui as linguas franceza, ingleza e china. Do estudo porém d'essas linguas não deve resultar a mistura d'ellas. Cada uma tem os seus termos proprios e sua originalidade, sem nos ser preciso amoldar os termos d'uma aos termos da outra. A mistura de portuguez com china, com inglez e com francez, não são linguas, mas sim uma confusão de linguas similhante á da torre de Babel.

Não posso deixar de mencionar aqui a utilidade do estudo da lingua latina. Em sua apologia só direi, que ella é a rainha das linguas, é a lingua das sciencias e a lingua dos sabios. Accresce além d'isto ser ella a mãe da nossa lingua,—o que só por si seria a sufficiente rasão para nos applicarmos a ella.

Depois do estudo das linguas vem o das sciencias preparatorias :—a logica, a methaphysica, a philosophia moral e o direito natural, é o vasto campo aonde o espirito do homem se desenvolve e apprende o caminho que o conduz á verdade, estudando as nossas faculdades, os phenomenos que se passam dentro de nós, suas causas, operações e productos, desenvolvendo e aperfeiçoando o sentimento do bom e do justo, e finalmente respeitando a Deus, ao proximo e a si mesmo Que sciencia, senhores, tão digna de attenção e de profundo estudo! Sem ella não ha verdadeira sabedoria.

A physica, a chimica, a historia natural, a geometria e a mathematica facilmente manifestam sua importancia nos maravilhosos inventos da intelligencia humana. É por estas sciencias, senhores, que o homem tem subido ás nuvens;—que descobriu com a ajuda do telescopio immensidade d'astros, que gyram no espaço;—foi por ella senhores, que desceu ás entranhas da terra para investigar o segredo da sua formação;—que zombou das iras do empollado mar para descobrir novas terras,—que fez desaparecer as distancias com o vapor e com a electricidade;—que dissipou as trevas da noite com o hydrogenio carbonato e que applicou uma força espantosa ás machinas que velozmente gyram nas officinas, e finalmente é por ellas que o geometra mede as distancias, o astronomo calcula os astros, e prognostica precisamente os phenomenos celestes.

A rhetorica ensina-nos a compôr o discurso, a conhecer e a empregar os tropos e as figuras e a discriminar os diversos estylos que o homem sabio deve empregar nos diversos usos da lingua.

A geographia mostra-nos a superficie do globo que habitamos com todos os seus mares, rios, lagos, montanhas, cidades, villas e aldeias, diz-nos o estado politico dos povos com todos os seus usos e costumes, e é por ella que o homem dentro do seu gabinete, tendo diante de si uma carta geographica, percorre o globo d'um pólo a outro pólo, do nascente ao poente.

Finalmente a utilidade da historia conhece-se pela definição que d'ella deu Cicero : é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a escola da vida, a pregoeira da antiguidade, a lição eterna dos povos e o conselheiro incorruptivel dos reis.

É ao estudo de tudo isto, jovens macaenses, que esta casa vos convida hoje e vos abre gratuitamente suas portas Não desprezeis este bem, o melhor bem do mundo que é a cultura do espirito.

Eu como chefe, ainda que sem merecimentos, d'este estabelecimento a nada me pouparei, nem ás despesas nem ás fadigas para vos ajudar nos vossos estudos, e o mesmo posso afirmar dos dignos professores que igualmente se interessam por vós."

Á vista do que se acaba de lêr, digam as pessoas de boa fé se mente ou não o individuo que ousou dizer que "o seminario administrado pe-

los jesuitas ou suas creaturas, não podia ser considerado com seriedade como casa de ensino.”

Estas disciplinas todas tão elogiadas pelo sr. p.^o Carvalho não eram ensino?

Não só no ultramar, mas também em algumas provincias do reino talvez não haja um lyceu onde o ensino fosse tão desenvolvido.

Miserias ! . . . Se quereis guerrear os jesuitas, façam-lhes uma guerra franca e leal. Não supprimais a verdade, não vos limiteis só a menos-cabar a uns homens auzentes. Mostrai por vossas obras que valeis mais do que elles; mostrai por vossos trabalhos intellectuaes que tendes mais sciencia do que elles; mostrai por vossos actos e por vossa conducta que tendes mais virtude do que elles; mostrai por vossa assiduidade que sois mais zelosos do que elles em promover a instrucção dos macaenses; então convencereis o publico de que Macáo ganhou com a retirada d'aquelles professores; mas em quanto isto não fizerdes, prégaréis no deserto, e o povo macaense não terá confiança em vós.

Para o esclarecimento da verdade, e para demonstrar melhormente qual era o ensino que havia no seminario de S. José, no tempo dos professores jesuitas, extractamos, com a devida venia, d'um importantissimo artigo da *Correspondencia de Portugal*, de 13 de maio de 1870, o seguinte trecho:

“ A experiencia tem sufficientemente demonstrado, que para formação de missionarios e clero para o ultramar, não podem os seminarios supprir as antigas congregações das missões, que todas as nações cultas e bem governadas ou conservam ou restauraram, como o Brazil, os Estados-Unidos, a Inglaterra, a Belgica, e a França.

Na Hollanda, paiz cuja maioria de habitantes é protestante, o proprio governo anima e protege as congregações religiosas con-

vida e remunera generosamente os missionarios catholicos jesuitas e de outras ordens, para evangelisarem as suas vastas e florentes colonias.

Na representação dos povos de Goa, assignada por mais de 600 pessoas, que ha pouco foi apresentada na camara dos pares, pelo sr. conde de Cavalleiros, com bem deduzidos factos e argumentos, pedem a restauração das congregações das missões.

Muito desejamos que este importante assumpto seja tratado nos corpos legislativos, com a despreocupação e seriedade que elle e os verdadeiros interesses publicos exigem.

Releve o leitor esta digressão, e voltemos ao objecto principal d'este artigo.

O reverendo padre Gouveia na penosa situação que referimos, instou constantemente com seu bispo, então b mencionado D. Jeronymo José da Matta, e este com o governo, para que enviasse padres professores para o seminario. Ficaram sem resultado por varios annos suas continuas representações, até que regressado o bispo a Portugal propoz em fins de 1861 ao ministro da marinha, o sr. Carlos Bento, a nomeação de dois professores mui illustrados e dignos, os reverendos José Joaquim d'Affonseca Mattos, e Francisco Xavier Rondina; este ultimo italiano, mas ha muito residente em Portugal, e eximio no professorado. Annuiu de prompto o sr. Carlos Bento, e á custa do estado foram pelo Mediterraneo para Macau, onde chegaram em março de 1862.

Acharam no seminario um alumno interno, oito ou nove externos em latin, algumas creanças em primeiras letras, e nada mais. Eis o deploravel espectáculo que apresentava esta casa de educação, tão afamada nos antigos tempos; triste effeito de desatenção e desamparo de que o real padroeiro, o governo de Portugal, a deixou cair!

Dentro em pouco foram restaurados os estudos no seminario, e auxiliados com outros professores nacionaes e estrangeiros, acceitos pelo reitor e pela respectiva auctoridade ecclesiastica, levaram o ensino a alto grau de desinvolvimento.

Já em dezembro de 1864 houve exames solemnes e publicos, com assistencia do governador e mais auctoridades da cidade, nas seguintes materias:

Grammatica portugueza, 1.^a, 2.^a e 3.^a classe de estudantes; grammatica latina, 1.^a, 2.^a e 3.^a classe; lingua ingleza, em tres divisões; lingua franceza, em duas; lingua latino-sinica, em tres; lingua china mandarina, em tres divisões.

Elementos de mathematica, algebra, geometria e arithmetica; historia sagrada e cathecismo.

Geographia, desenho, pintura de aguarella, calligraphia superior, musica em piano, e canto.

Instrucção primaria em duas classes, correspondendo á primeira tres divisões, e duas á segunda.

Além d'estas materias, houve um ensaio de physica e meteorologia, exposto pelo então alumno Pedro Nolasco da Silva Ju-

nior, e hoje distincto escriptor e interprete official da lingua chinesa. Tratou depois das noções preliminares, das noções geraes dos corpos, força e movimento, attracção universal terrestre e molecular, hydrostatica, acustica, calorico, optica, magnetismo, electricidade, electricidade dinamica, galvanismo.

Os alumnos Theodosio Rodrigues e João Milner, trataram da gazologia e aerologia, electricidade estatica e dinamica.

Discorreram tambem ácerca da atmologia, e da meteorologia aquosa, luminosa, e electrica.

Houve varias experiencias, com os instrumentos do gabinete de physica, organizado pelo eximio professor em todas estas materias, o referido reverendo padre Francisco Xavier Rondina.

Nas sciencias moraes e ecclesiasticas, expozeram theses ou dissertações os alumnos Pedro Nolasco da Silva, Theodosio Rodrigues, João Milner, João dos Remedios, Jeronymo Alves, Miguel da Silva, Antonio Bastos e José Fernandes Junior. Versaram sobre logica, methaphysica, theologia natural, ethica e direito natural. Em rhetorica discorreram os alumnos Leoncio Ferreira, Theodosio Rodrigues, João dos Remedios, Constantino Lopes, Eugenio Lopes, José Fernandes Junior.

Em todos os annos seguintes repetiram-se os exames publicos nas mesmas materias e epocas, e a distribuição dos premios, sempre feita com grande solemnidade, concurso e applauso das primeiras auctoridades e principaes moradores de Macau; os quaes e os portuguezes residentes em diversos pontos da China tem contribuido com objectos e valiosos donativos para os mesmos premios. Os portuguezes de Hongkong, n'um d'aquelles annos, offereceram para tal fim algumas medalhas de oiro de importante valor; facto que foi memorado pelo illustre ministro da marinha, o sr. Mendes Leal, no relatorio de que adiante fallaremos.

No ultimo anno lectivo de 1870 houve, como de costume, os exames em dezembro, e a distribuição dos premios nas seguintes disciplinas:

Aula de philosophia e sciencias naturaes. Materia do exame: methaphysica geral e especial, ou ontologia, psychologia, cosmologia e theologia natural. Philosophia moral, social e de religião. Physica, chimica, historia natural e cosmographia. Tres premiados.

Aula de theologia para alumnos chinas. Theologia dogmatica: materia do exame, *de locis theologicis.* Theologia moral: materia do exame, *tractatus de actibus humanis, de conscientia, de legibus, de peccatis, de virtutibus, de præceptis decalogi.* Quatro premios e quatro louvados.

Aula de logica: materia do exame—logica maior e menor. Nove premios.

Aula de rhetorica: as quatro partes d'ella, analyse de alguns trechos de auctores classicos, composição sobre um thema dado na occasião do exame. Dois premios.

Aula de latitudine: toda a grammatica, traducção e analyse das epistolas de Cicero. Dois premios, e quatro louvores.

Aula de latin: grammatica até a prosodia; traducção e analyse de Cornelio e Lhomond, para a primeira classe; grammatica até á syntaxe para a segunda, traducção e analyse do epitome. Um premio e quatro louvores.

Aula de primeiro anno de grammatica portugueza: historia e chorographia de Portugal, grammatica portugueza até á interjeição, cathecismo, e as quatro operações de arithmetica de numeros inteiros. Dois premios e quatro louvores.

Segundo anno de grammatica portugueza: esta e principios de syntaxe, e analyse grammatical de Canões. Onze premios e nove louvores.

Aula de geographia. Nove premios.

Aula de arithmetica. Nove premios e tres louvores.

Terceiro anno de grammatica portugueza: analyse grammatical e logica na selecta portugueza, recitação de prosa, exercicio epistolar, historia romana e moderna. Treze premios.

Aula de lingua mandarina: grammatica e analyse, dialogos familiares em lingua mandarina, traducção de Sheng-iu-quam-hsiun, ou os santos decretos; traducção do tratado de paz e do regulamento do commercio, celebrados entre a Inglaterra e a China.

Em seguida houve tres premios e tres louvados, e todos distribuidos a jovens macaistas, que n'ella se preparam para o vantajoso mister de interpretes.

Aula de arithmetica, algebra e geometria. Cinco premios e cinco louvores.

Aula de lingua e litteratura ingleza: primeira classe, historia de Inglaterra até ao reinado de Eduardo III, historia da França no reinado de Luiz VI, traducção de francez para inglez e contabilidade para guarda-livros. Tres premios e seis louvores.

Segunda classe; introduccção á lingua ingleza, geographia da Europa, Asia, Irlanda e Inglaterra, poesia ingleza. Sete premios e oito louvores.

Aula de lingua franceza: grammatica, historia de França no reinado de Luiz XVI, conversação em francez. Quatro premios e cinco louvores.

Aula de instrucção primaria: ler, escrever e contar, cathecismo e principios geraes de moral e civilidade. Primeira secção: quatorze premios e dez louvores. Segunda secção: dez premios e seis louvores.

Em cathecismo um premio á sorte entre nove alumnos; e em bom comportamento outro premio á sorte entre oito discipulos.

Para os exames na aula de philosophia e sciencias naturaes, houve programma especial e muito desenvolvido, que fórma um folheto em oitavo de 24 paginas. Os examinados foram os jovens e mui esperançosos macaenses srs. Lourenço Marques Ju-

nior, Efraim M. da Silva e Hermenegildo Bastos, que frequentaram um curso triennial de philosophia natural e racional.

É de advertir que em algumas aulas houve primeiros, segundos e terceiros premios, e até quartos na aula de instrucção primaria.

Tem regulado por duzentos annualmente o numero dos alumnos que frequentam os estudos no seminario.

Expozemos talvez proximamente estes pormenores, relativos aos annos de 1864 e 1870, primeiro e ultimo da epoca da restauração do seminario; para levar á evidencia a inexactidão das affirmativas officiaes do relatorio.

Todos aquelles dados são cuidadosamente extrahidos dos programmas para os exames, e das relações da distribuição dos premios, tudo impresso em folhetos distribuidos em Macau."

Comparae este desenvolvimento dos estudos que acabamos de vêr, com o estado lamentavel em que se achava a instrucção publica em Macáo antes da vinda dos jesuitas, segundo mostram os citados artigos do *Echo do Povo*.

Que abysmo de differença!

Os professores que levantaram um tão importante ramo de serviço publico, do abatimento em que vegetava, ao auge demonstrado pelos documentos que ha pouco apresentamos,—fizeram ou não um grande serviço ao povo de Macáo?! . . .

Só os rabiscadores de diatribes o poderão negar; mas os homens sensatos e imparciaes dirão comnosco—que não só prestaram serviços, mas fizeram o maior beneficio que se pode fazer a um povo, qual é o de instruí-lo.

Mas porque não poderam elles continuar n'esta obra tão civilisadora e tão util a Macáo?

Porque o governo que descurou a instrucção dos macaenses por quasi 40 annos, o mesmo governo, que depois de um tão longo periodo de incuria, mandou estes mesmos professores a esta cidade, veio dizer-lhes n'um decreto: "ide-vos embora, porque sois estrangeiros" !

Decreto barbaro, . . . e altamente injusto.

Porque não se prohibe tambem que os professores estrangeiros leccionem em Lisboa?

Ainda ha bem poucos dias, lemos no *Diario Nacional* o aviso seguinte:

“COLLEGIO DE N. S. DE CONCEIÇÃO.—O curso de commercio n'este collegio é dirigido pelo sub-director Octave Saunier. O francez pelos srs. George Saunier e Octave Saunier. O inglez pelo sr. Burton. O allemão pelo sr. Horup. O sub-director tambem falla bem o inglez. Todos os mais esclarecimentos se dam no collegio.—O director, *Joaquim Lopes Carreira de Mello.*”

Transcrevemos mais do *Jornal do Commercio* de 17 de janeiro do corrente anno, o seguinte aviso:

“COLLEGIO LUSO-BRITANNICO.—A direcção d'este collegio cumprindo o que prometteu depois do fallecimento do sr. Nalan, tem já um empregado inglez a quem foi confiada a parte disciplinar.

A instrucção e boas qualidades moraes, que caracterisam este homem respeitavel, são para nós uma garantia segura de que desempenhará dignamente seu importante encargo.

Ha tambem n'este estabelecimento como prefeitos, um inglez e um francez, para que os alumnos, pela conversação familiar, possam adquirir mais perfeito conhecimento das linguas ingleza e franceza.

Não nos poupando a quaesquer sacrificios, trabalhando sempre para o progresso intellectual e moral dos educandos, não fazemos mais do que seguir o exemplo do espiritto illustre, que nos precedeu, do fundador d'esta casa o reverendo padre José Hsley.—O director, *M. Locoingt.*”

Como se vê d'estes avisos, em Lisboa podem os professores estrangeiros leccionar e dirigir collegios; pode o inglez ensinar a sua lingua; o francez, a sua; e o allemão a sua; mas em Macáo não o podem; e do unico collegio que aqui existe, são expulsos os professores estrangeiros! . . . E o mais feio, é que foram mandados embora sem uma palavra de agradecimento pelos serviços prestados á pedido do mesmo governo!!

Esta ingratição e este decreto anti-liberal de exclusão de estrangeiros, são factos tão dignos de

reparo e censura, e tão eloquentes por si mesmos, que não precisam de commentarios.

Já que elles foram expulsos por serem estrangeiros, ao menos mandassem, para os substituir, professores e sacerdotes nacionaes, que se não fossem superiores na virtude e sciencia, fossem-lhes ao menos iguaes.

Não os mandou o governo, porque os não pôde encontrar. O governo sabia ou devia saber que os não encontraria tão facilmente, porque a experiencia de tantos annos e de tudo o que tem acontecido, relativamente a este assumpto, nas mais provincias ultramarinas devia-lhe já ter aberto os olhos.

Mas em fim o que se ganhou com esse barbaro decreto?

Saciou-se uma vingança individual; e nada mais.

Sim, foi a vingança a verdadeira origem de todo este espalhafato; affirmamol-o em vista dos precedentes que teem aqui havido, e que ninguem ignora, cuja historia toda desvendaremos algum dia, se formos a isto forçados.

E a final de contas, quem perdeu foi Macáo.

Vêde, caros compatriotas, como somos tratados!

Os nossos mais caros interesses como são os da instrucção, não mereceram nenhuma consideração, e não foram de nenhum peso, perante o capricho e a paixão de um individuo!

Não nos espantamos muito de que assim tivesse acontecido, porque por experiencia sabemos, que esses individuos que mentem ao publico, dizendo que estremecem de amor por esta terra, não querem outra cousa senão fazer de nós e da nossa pa-

tria um escabello para subir, e para saciar as suas paixões de vingança ou de ambição.

Além de terem sido prejudicados os nossos interesses, além de ter sido illudido o governo da metropole, procuram agora illudir o povo de Macáo, negando os serviços prestados pelos professores jesuitas! . . .

Contra esta grande trampolina insurgir-nos-hemos sempre, em quanto força tivermos.

III

A verdadeira pedra de toque do merecimento — diz o conselheiro Bastos — é a perseguição da inveja.

Esta verdade vemol-a exemplificada mui frequentes vezes na célebre Companhia de Jesus, porque a historia imparcial tem demonstrado com evidencia, que quasi sempre foi a inveja a motora principal das perseguições que ella tem soffrido.

Mesmo em Macáo, n'este cantinho do mundo, se formos analysar os motivos porque alguns individuos bem conhecidos guerreiam e dizem mal dos jesuitas, acharemos que a causa principal é a inveja — esta paixão vil e rasteira, que accusa fortemente a mediocridade do merito proprio, e annuncia em altos brados o merecimento alheio, como o fumo annuncia o fogo.

Não queremos porém descer ao campo de personalidades, e preferimos deixar estes invejosos apodrecer na orgia da sua ignobil paixão.

Testimuhos valiosos e insuspeitos vamos nós apresentar, que hão de patentear em toda a nudez

da verdade, que os bons serviços e o grande merito d'estes eximios professores foram reconhecidos, applaudidos, e elogiados por pessoas competentes e pelo povo de Macáo, cujas espontaneas demonstrações de gratidão attestam altamente a benemerencia d'elles.

Appellamos em primeiro lugar para o erudito ministro da marinha e ultramar, o sr. Mendes Leal, o qual no seu relatorio de 1864, fallando de Macáo, louvou o progresso do seminario de S. José com estas textuaes palavras:

“ O seminario (de Macau) continua a fazer serviços importantes á instrucção ecclesiastica e á geral, attrahindo sympathias e consideração. Algumas pessoas abriram espontaneamente uma subscrição, para offerecer aos respectivos professores medalhas de ouro e prata, afim de serem distribuidas como premios aos alumnos que mais primaram nas diferentes disciplinas durante o anno lectivo. *Regosija-se o governo com um progresso litterario*, que já tem persuadido muitas familias a retirar seus filhos das escolas de Hongkong, para os confiar a este estabelecimento, que deve em tudo ser nacional.”

Invocamos tambem a auctoridade dos nobres governadores de Macáo, desde s. ex.^a o sr. Isidoro Francisco Guimarães, hoje visconde de Praia Grande, até ao actual dignissimo chefe da colonia, o ex.^{mo} sr. vice-almirante Antonio Sergio de Sousa, os quaes todos teem prodigalisado encomios, e teem dado demonstrações de apreço e estima a estes saudosos professores, como muito bem descreve o seguinte trecho da *Correspondencia de Portugal*:

“ Os governadores de Macau, durante o período de que tratámos, os srs. visconde da Praia Grande, José Rodrigues Coelho d'Amaral, José da Ponte e Horta, até o actual o sr. Antonio Sergio de Sousa, todos teem assistido ás festas estudiosas no seminario, e alguns distribuiram os premios por suas mãos. O sr. visconde da Praia Grande, dizia, e ainda hoje repete a quem o quer ouvir, que entre os desgostos e contradicções inherentes ao cargo espinhoso de governador d'aquella provincia, uma das poucas coisas que lhe davam satisfação, era visitar o seminario

e ver sua boa organização e prosperidade, para o que contribuiu quanto pôde.

O sr. Coelho d'Amaral, tão distincto por sua intelligencia e caracter, igualmente frequentava o seminario, reconhecia os bons serviços do reitor e dos professores, e lhes era mui afeiçoado.

Em 1868, sendo ministro da marinha, tendo havido algumas perturbações internas no seminario durante a gerencia interina do referido sr. conego Antonio Luiz de Carvalho, que decidiram os professores estrangeiros a residirem fóra do seminario; o sr. ministro Coelho d'Amaral, conhecendo bem as circumstancias d'aquelle estabelecimento, quiz remediar taes perturbações, instando com o antigo reitor o reverendo padre Gouvea para que voltasse immediatamente para Macau a reassumir seu cargo; ao que aquelle annuiu, e partiu em junho do dito anno, na companhia do novo governador o sr. Antonio Sergio de Sousa.

Chegou a Macau em julho de 1868, tomou novamente o governo do seminario, e com satisfação geral voltaram os professores a residir n'elle. O sr. conego Antonio Luiz de Carvalho, não querendo continuar como professor, despeitado voltou logo para Portugal, onde ainda está hoje, tendo sido em setembro ultimo, escolhido pelo sr. arcebispo de Goa, ou verdadeiramente pelo ministerio da marinha, para governador do bispado de Macau."

Não menos valiosas homenagens leaes e sinceras, rendidas ao talento, ás virtudes e aos trabalhos d'estes professores, abundam no *Boletim do Governo de Macáo e Timor*, e sentimos não poder apresental-as todas, porque occupariam um longo espaço.

Limitar-nos-hemos a transcrever alguns artigos sobre as festas academicas que teem havido no seminario na epocha dos professores jesuitas.

No *Boletim* de 13 de dezembro de 1862 lemos o seguinte :

" N'esta semana celebraram-se na sé cathedral d'esta cidade duas festas solemnes, a de Nossa Senhora da Conceição, e a d'acção de graças pela noticia da canonisação dos martyres de Japão.

A ultima d'estas festas teve lugar na quinta-feira 11, com missa cantada e musica instrumental, prégando o r.^m p.^o José J. d'Afonseca Mattos um sermão d'ocasião bem apropriado e que teria sido de grande effeito se ao digno prégador lhe não tivessem faltado as forças por causa da sua melindrosa saude, para se expandir mais e muito mais em alguns pontos que apenas annunciou, e que se percebeu serem pedaços truncados

d'obra mais acabada e que o orador cortou por não poder confiar em sua forças, como s. r.^{ma} mesmo declarou ; no entanto o discurso, ainda que conciso, foi bastante pathetico como era d'esperar da capacidade do orador e como o assumpto pedia, sem ultrapassar os limites do sentimentalismo, muito legitimo contudo, como é sempre todo aquelle que nos arranca do positivo da materia para nos transportar ao campo do heroismo a soffrer pela fé, com confiança em Deus, e unicamente armados com o vigor da convicção, que de Deus nos dimana para a alma, inspirando-nos grandes feitos.

Acabada a festa assistimos aos ensaios academicos, que se fizeram n'uma das salas do palacio episcopal.

Alguns dos estudantes internos do seminario diocesano, perante um respeitavel auditorio, recitaram, em proza e em verso, diferentes passagens historicas dos martyres que foram sanctificados, e a cuja festa acabavamos de assistir

Estes trabalhos academicos foram divididos em duas partes além d'uma introduccão, feita em latim, concernente ao assumpto que a todos reunia n'aquelle lugar.

A 1.^a parte compunha-se d'um polymetro portuguez intitulado "o Apostolado e o Martyrio," no qual um dos companheiros de fr. Pedro Baptista d'Ascenção, franciscano e martyr no Japão, animava os seus companheiros a irem converter os japonezes; d'uma poesia franceza relativamente a Paulo Miki e seus companheiros na presença das cruzes ondem deviam ser crucificados; d'uma poesia ingleza ácerca do martyr Luiz, pobre creança de 11 annos, que os barbaros não pouparam n'aquelle martyrio; uma ode italiana á morte dos tres martyres, Paulo Miki, João de Goto e Jacob Kisai, da Companhia de Jesus, cujas reliquias Macáo se gloria de possuir; e um hymno italiano dedicado aos 26 martyres que pelos seus tormentos glorificaram a igreja do Japão.

A 2.^a parte dividiu-se, 1.^o n'um dialogo entre 11 seminaristas, imaginando-se a scena passada no seminario d'Arima, no Japão, dias depois da morte dos 26 martyres; 2.^o a glorificação dos martyres, composição em china; 3.^o a entrada dos martyres no céu, ode em hespanhol.; 4.^o a festa dos martyres em Macáo, elegia latina; 5.^o a canonisação dos martyres do Japão, como augurio de paz e felicidade para a igreja catholica, ode em portuguez; 6.^o um hymno a Nossa Senhora Rainha dos Martyres. Os alumnos internos mereceram vivos applausos por estes testemunhos publicos que deram de sua applicação e estudos, e sem que pretendamos denegrir o merito que a todos foi conhecido, não poderemos calar o quanto nos captivou o desembaraço com que principalmente desempenharam seus papeis os seminaristas Constantino Lopes, Ignacio Marques, Augusto Marques e André da Silva.

Ha seis mezes a esta parte, por occasião de noticiarmos a abertura do seminario, agouramos um futuro d'instrucção para a

mocidade macaense, hoje folgamos de ver com tão bons auspícios a applicação dos jovens alumnos, e fazemos votos para que continuem a merecer os applausos, e os premios que afinal foram publicamente distribuidos áquelles que mais aproveitamento mostraram no ultimo trimestre.

Os exercicios que com satisfação presenciamos, agradam-nos pelo systema, reconhecendo que só assim se adquire o desembaraço oratorio preciso, a par da instrucção que se recebe.

Em tão pouco tempo encontrando a maior parte dos discipulos do seminario, possuindo já tantos conhecimentos e tão soffri-vel pronuncia das lingoas latina, portugueza, ingleza, italiana, franceza e hespanhola, não é exagerada a ideia que formamos de que ao concluir seus estudos sairão d'ali muito adiantados e habilitados.

Se nos coubesse em tempo dariamos agora uma ideia da historia do Japão, relativamente aos tormentos que soffreram estes santos, e ás grandes relações então havidas entre aquelle imperio e esta cidade, que temos collido de manuscriptos fidedignos, e encontrado em verdadeiros historiadores, trabalho a que nos dedicaremos logo que o tempo nol-o permitta.

Para concluir diremos ainda mais duas palavras, isto é, que o collegio de S. José promette ser outra vez tão importante, como já foi, não só para a educação da mocidade d'esta colonia nos diversos misteres da vida social, mas sobretudo para as missões, das quaes conservamos tão gloriosas tradicções e respeitabilissimos nomes de sacerdotes, hoje ainda fallados e respeitados entre os chinas, na propria capital do imperio, apezar, note-se bem, da idolatria em que por lá se vive.

No collegio de S. José, ha já elementos muito bons, sobretudo para o ensino da mocidade, e as provas vão apparecendo; e assim fazemos votos para que este ramo de educação chegue não só ao estado que tanto se deseja, como tambem a conseguir o grande fim da sua criação, isto é, verdadeiros missionarios."

Do *Boletim* de 14 de setembro de 1863 transcrevemos o seguinte:

Concluíram-se os exames do seminario diocesano e hontem teve lugar a distribuição dos premios. Esta sessão solemne, principiou ao meio dia, sendo presidida por s. ex.^a o governador, achando-se presentes as principaes auctoridades do paiz, bem como um distincto numero de cavalheiros.

A proporção que iam designando os premiados nas diferentes classes de estudos em que os exames foram divididos, conforme a apreciação do respectivo jury, entregava s. ex.^a ao alumno o premio que lhe pertencia, dando n'esta occasião signaes evidentes de muita satisfação.

Os estudantes examinados antes e depois de férias, estavam divididos em 20 classes, e n'estas haviam premios considerados,

como primeiros e segundos, seguindo-se-lhes os louvados pelo seu adiantamento, e que mais se aproximaram aos premiados.

Os primeiros e segundos premios consistiam em medalhas de ouro e prata, de que se distribuiram 28, sendo 9 de ouro e 19 de prata doirada. Os premios classificados como primeiros foram 14, os segundos outros tantos. Aos dignos de louvor, mais proximos dos premiados foram dados livros e imagens, e d'esta sorte distribuiram-se perto de 50 premios. Cada uma d'esta soffertas era acompanhada d'um cartão de louvor. Os menos considerados, receberam apenas um pequeno bilhete, designando o grão de *laudatus* que tinham alcançado. D'este genero distribuiram-se mais de 110 distincções. Estudantes houveram que tendo sido examinados em diferentes disciplinas ou classes, receberam pelo seu aproveitamento, mais d'um premio, e alguns tão distinctos que alcançaram por isto duas medalhas. Outros alumnos se apresentaram n'esta ou n'aquella classe em igualdade de circumstancias para o primeiro e segundo premios, e não havendo senão um de cada qualidade em cada classe, necessario foi tirar-se á sorte a posse da medalha.

Terminada que foi a distribuição, houve entre seis dos alumnos internos uma pequena discussão, feita com habilidade, que muito agradou. Este dialogo escolastico, intitulado *os dois cabulas*, foi composto pelo sr. p.^o Mattos, claro de estillo, agradável pela dicção, singelo, natural, e por outro lado uma boa lição de moral, que mereceu ser applaudido. Os alumnos comprehendiram o pensamento do mestre, e deram-lhe a precisa naturalidade. Em quanto o não publicámos, daremos d'elle uma pequena ideia. Um d'estes estudantes, que sempre os ha, mais apreciador das horas de folia, que das do estudo, e que durante estas procura enganar seus perceptores; um d'estes que nas escolas merece ser alcunhado de *cabula*, lamenta a seus companheiros o estar á porta o fim das ferias, o que considera grande desgraça e ao principio parece abalar um dos seus companheiros que, mais estudioso, não deixa por isso de achar maiores prazeres nas patuscadas, e nas ledas horas infantis, porém outros companheiros fazendo-lhe vêr o proveito que se tira do estudo, e que jamais se perde o que se aprende, e que é só cultivando a intelligencia, que se é util a si proprio, aos seus, e á sua terra, condemnam a preguiça e a cabulice, e com rasões convincentes, provam em poucas palavras quaes os resultados que tira o mandrião, e que futuro negro se lhe antolha, e com especialidade ao paiz, raciocinam com acerto sobre a grande necessidade que todos tem de se tornarem poderosos pelo espirito e pela rasão desenvolvida. Discorrendo d'este modo, cada qual elogia a disciplina a que se dedica, ou o ramo da sciencia que cultiva, corrigindo os vicios de linguagem do *cabula*, e do mau estudante, que deixou passar sem attenção os avisos, conselhos e prelecções de seus perceptores, que cuidadosos e sollicitos tinham sido para com elle: e d'este modo conseguem que o cabulista por excellencia, allumiado por

taes verdades se declare vencido, e com elles promette guerra á preguiça, e applicação ao estudo, e como o mais novato e infantil se resolve ainda a cabular, aquelle lhe entrega o symbolo que o caracterizou este anno, convencido de que elle tambem se arrependará de tal officio no futuro anno lectivo.

Acabado o dialogo, choveram applausos ; e ao auctor felicita-mos sinceramente pela sua boa idéia e pelo bem que a soube aproveitar.

Concluindo folgamos extraordinariamente com os desenvolvimentos do seminario ; fazemos votos leaes pelo seu progresso, e damos aos mestres e aos alumnos mui verdadeiros parabens, felicitando aos primeiros pelo seu esmero e cuidados paternos, aos segundos pelo seu aperfeiçoamento, e pela boa vontade e dedicação que apresentam no estudo, tornando-se assim gloria de seus perceptores, alegria de seus pais e amigos, e esperanza da sua terra, digna de prosperidades por mil razões.

Ao dialogo seguiu-se um agradecimento ao publico, feito com verso solto, pelos collegiaes, e depois *Te-Deum* em acção de graças, ficando tudo concluido pelas duas e meia da tarde. N'outra occasião publicaremos os nomes de todos alumnos distinctos, com as suas classificações honorificas nas classes em que foram examinados."

Do *Boletim* de 11 de janeiro de 1864 transcrevemos o seguinte :

" Assistimos no dia 6 do corrente a mais uma prova publica do adiantamento dos alumnos internos do seminario diocesano. Estes trabalhos academicos começaram pelo meio dia, ficando terminados depois d'uma hora. O tempo passou-se rapido e agradavelmente. Havia numerozo concurso de expectadores, que todos sahiram satisfeitos vendo o desenvolvimento dos discipulos do seminario. Nós que temos assistido, com prazer, a todos os actos publicos d'este collegio de tão reconhecida utilidade para a mocidade de Macau, podemos, sem receio de errar, dizer que sempre encontramos grande differença n'estes alumnos, cada vez que os visitamos.

Nos trabalhos a que hoje nos referimos foi notoria a boa pronuncia portugueza, bem como o desembaraço dos mancebos nas declamações. Em geral se póde dizer, que comprehendiam o que recitavam, porque lhe davam a força necessaria e as entoações precisas, coisas estas que só se fazem quando verdadeiramente se sente o que se diz.

Academia poetica em honra ao menino Jesus, dividiu-se em 20 secções, na seguinte ordem :

- 1.º *Aos mortaes para que se alegrem na vinda de Messias, elegia latina ;*
- 2.º *Hymno italiano, sobre o mesmo assumpto ;*
- 2.º *Os anjos aos pastores, carmen latino ;*
- 4.º *Gloria in excelsis Deo, hymno portuguez ;*

- 5.º *In terra pax*, cantata italiana;
- 6.º Tradução em portuguez do *in terra pax*;
- 7.º *Aos mortaes para que correspondam ao amor de Deus incarnado*, polymetro italiano;
- 8.º *Os pastores na gruta de Bethlem*, carmen latino;
- 9.º *O dom d'um pastor*, epigramma latino;
- 10.º *O dom d'uma rosa*, anacreontica portugueza;
- 11.º *O dom d'um cordeiro*, anacreontica portugueza;
- 12.º *O dom d'um pombinho*, anacreontica portugueza;
- 13.º *O choro do menino*, ode portugueza;
- 14.º *Prosopographia do menino Jesus*, indicassillabos latinos;
- 15.º *O somno do menino Jesus*, anacreontica hespanhola;
- 16.º *A humildade do menino Jesus, uma violeta offerecida por um pastor*, poesia portugueza;
- 17.º *Uma supplica ao menino Jesus*, poesia portugueza; pedidos a favor do principe real D. Carlos;
- 18.º *Le lacrime del bambino Gesu*, hymno, sendo a musica italiana;
- 19.º *Los Vilancicos*, outro hymno, de musica hespanhola;
- 20.º O dialogo intitulado os *Reis Magos*.

O dialogo estava bem escripto, com termos escolhidos, e phrases de effeito, e habilmente desempenhado pelos 13 alumnos que n'elle entraram, sendo muito elogiado o alumno Leoncio Ferreira, que fez um dos principaes papeis, e que desempenhou com muita habilidade e naturalidade, possuido perfeitamente do que tinha a reproduzir, pronunciando muito bem, e com um desembaraço admiravel.

Todos os alumnos compriram a contento geral a parte que lhe estava disgnada, em todos os trabalhos apresentados ao publico, mas nas recitações das poesias em que todos foram bem, sobressahiu sem duvida alguma o menino Sigismundo Rangel, recitando a sua ode excellentemente.

Louvores mil cabem a seus dignos professores que tanto se cansam, afadigam, e esmeram para aperfeiçoar os mancebos entregues a seus disvelos e cuidados. Devem ser grandes as esperanças de todos pelo futuro d'estas tenras plantas, que se desenvolvem e crescem á sombra de intelligencias tão cultas, e de cuidados tão extremosos, como são os que abundam nos seus preceptores.

O seminario diocesano está fazendo grandes serviços a Macau, e o futuro virá comprovar tudo quanto deixamos dito, e temos já prophetisado por outras occasiões em que temos, como agora, dedicado algumas linhas ao seminario e seus professores, para cumprirmos como podemos e sabemos o nosso dever de jornalista."

Do *Boletim* de 2 de janeiro de 1865 transcrevemos o seguinte :

"A distribuição dos premios no seminario diocesano teve effectivamente logar no dia 26 de dezembro ultimo, ao meio dia.

A este acto solemne, presidiu s. ex.^a o governador, e estiveram presentes todas as auctoridades do paiz, e um concurrido numero de cavalheiros. Os premios distribuidos foram talvez sessenta dos quaes 46 eram medalhas de oiro e de prata: 24 de prata, sendo 14 grandes, e 10 pequenos e 22 de oiro, sendo 10 grandes e 12 pequenas. Estes ultimos foram, segundo nos disseram, offerecidos ao seminario pelos portuguezes residentes em Hongkong. Os restantes premios foram livros e pinturas de imagens. Entre os estudantes premiados, que receberam mais de uma distincção pelos seus diferentes exames, todos optimos, distinguirse o sr. Cancio Jorge que obteve quatro ou cinco medalhas. O alumno Pedro Nolasco da Silva, obteve tambem um diploma em pergaminho, pelo aproveitamento geral das sciencias que ensina o seminario.

A festa pois do dia 26 esteve apparatusa. Principiou por um bello côro, com acompanhamento de orchestra (musicos do batalhão de Macau) sendo os cantores alguns dos professores do seminario e varios dos seminaristas. A musica foi arranjada pelo sr. Antinori, e por elle dirigida com aquelle bom gosto que se lhe conhece.

Em seguida ao côro foi a distribuição, sendo aclamados os alumnos que mereceram distincções e louvores, recebendo a recompensa de suas fadigas das mãos de s. ex.^a o governador.

Depois da distribuição dos premios, houve ainda outro côro, sendo a musica d'este tirada da opera de Nabucco.

Seguiu-se o dialogo jocoso entre varios seminaristas, alludindo á scena que acabava de ter logar e ás ferias ou suéto que por alguns dias ia gozar. N'este dialogo, em que todos entraram bem, fallando com claresa e desembaraço, foi para notar a vivesa com que o alumno Antonio de Miranda se apresentou, desempenhando o seu papel de *cabula*, muito bem.

A festa finalizou por um hymno, de composição do sr. Antinori muito bem desempenhado e de bello effeito.

Folgamos de registar a applicação dos 99 alumnos internos, e 116 externos, que possui na actualidade o seminario, e fazemos votos pelo seu progresso, desenvolvimento e utilidade."

Estas descripções succintas mas verdadeiras demonstram com evidencia quanto se afadigaram aquelles incansaveis professores, e quantos bons resultados obtiveram. Nada mais podemos accrescentar á eloquencia d'estes importantes documentos, que fallam por si mesmos, e só temos de notar que no tempo em que estas bellas descripções appareceram no *Boletim* era secretario do governo de Macáo, o capitão tenente o sr.

Gregorio José Ribeiro, cuja imparcialidade n'este assumpto é insuspeita em todo o sentido.

A todas estas provas tão brilhantes quanto irrefragaveis da benemerencia d'estes bons professores, ajuntaremos ainda a espontanea demonstração que fez o povo de Macáo, apenas se espalhou aqui a tristissima noticia da retirada d'elles.

Foi grande a consternação entre os habitantes mais conspicuos d'esta cidade—os verdadeiros filhos de Macáo—quando aqui circulou o desgraçado decreto de 20 de setembro de 1870, não só porque surprehendeu grandemente a todas as pessoas sensatas a absurda exclusão de professores estrangeiros, mas tambem porque se conheceu logo que Macáo ia a soffrer uma perda imensa.

O illustre presidente do leal senado da camara, o sr. commendador Lourenço Marques, como interprete fiel dos sentimentos dos seus concidadãos, expôz á camara que elle ia a telegraphar para Lisboa a esse respeito, pedindo providencias ao governo da metropole; esta proposta tão rasoavel quanto justa foi logo acceita pela camara unanimemente; e o digno presidente telegraphou em termos seguintes:

“TELEGRAMMA.—Ao ministro da marinha e ultramar.—Lisboa.—Os actuaes professores do seminario querem retirar-se de Macáo, por serem estrangeiros, visto que o decreto de 20 de setembro excluiu professores não nacionaes. Grande commoção na cidade. Peço em nome do povo providencias para conservar aquelles professores, que são os unicos em Macau que teem sido verdadeiramente uteis, e sem os quaes a instrucção ficará abandonada, porque será difficil substituil-os por outros, pois haverá poucos professores illustrados e dignos que queiram vir para terra tão distante.”

N'esta mesma occasião as pessoas mais sensatas e conspicuas de Macáo resolveram pedir ao go-

verno a suspensão da execução do artigo do decreto, em que se excluíam os estrangeiros para professores, e dentro de poucos dias mais de 300 pessoas de Macáo assignaram a representação que se vae lêr:

“REPRESENTAÇÃO.—III.^{mo} e ex.^{mo} sr. governador de Macáo.— Os abaixo assignados, moradores portuguezes de Macáo, sendo informados que os reverendissimos professores do seminario diocesano, os srs. padres Rondina, Cahill, Virgili e Pereira, que tão uteis teem sido a esta colonia, vão retirar-se brevemente d'esta cidade, em consequencia das novas disposições do decreto de 20 de setembro ultimo, principalmente da dos artigos 14.^o e 18.^o § unico, que inhibe a estrangeiros de exercerem o magisterio n'aquelle seminario (exclusão esta tão contraria ao espirito d'este seculo), e antevedo os abaixo assignados que por falta d'estes eximios professores ficará abandonada a instrucção publica d'esta colonia, o que seria a maior calamidade que lhe pôde sobrevir, por isso recorrem respeitosamente a v. ex.^a por meio d'esta representação, certos de que v. ex.^a não deixará de dar mais uma prova de amor a esta colonia, salvando-a com prompto remedio de um mal tão calamitoso.

A cidade de Macáo, esta colonia tão leal e devotada a Portugal, como o prova a sua historia, viu-se por mais de trinta annos privada de escolas regulares, e os seus habitantes, os mais abastados se vião obrigados a apartarem de si os seus filhos desde a tenra idade, para os mandarem ás colonias inglezas de Singapura, Bombaim e Calcutá, para ahi mendigarem a instrucção que lhes negava a patria.

Felizmente, porém, com a vinda dos actuaes professores, começou o seminario diocesano a funcionar, desde 1862, com grande aproveitamento dos macaenses, e com este grande desenvolvimento da instrucção, inaugurou-se uma nova era de felicidade e de esperanças para esta colonia, que mais do que nenhuma outra precisa de uma instrucção publica bem desenvolvida, porque a sua posição excepcional colloca os natúraes d'ella na necessidade de só poderem ganhar a vida exercendo misteres que requerem alguma cultura intellectual e o conhecimento de linguas estrangeiras, e por isso se vê com evidencia, que negar aos macaenses os meios de se instruirem, é o mesmo que tirar-lhes os meios de subsistencia. Por isso os abaixo assignados, conhecendo por uma triste experiencia que são muitas e quasi insuperaveis as difficuldades de fazer vir a esta terra, que tão distante fica dos centros de civilisação europea, professores tão abastados e morigerados, como são os acima mencionados, e querendo evitar a lugubre desgraça de vêr novamente submergida nas trevas da ignorancia a mocidade de Macáo pedem a v. ex.^a se digue suspender ao menos a execução dos artigos 14.^o e 18.^o

§ unico do decreto de 20 de setembro ultimo, e se digne tomar as providencias necessarias para conservar n'esta colonia os professores acima mencionados, que tantos beneficios teem já feito a Macáo, e de cujo zêlo muito ainda se pôde esperar; portanto,— PP. a v. ex.^a se digne defêrir no pedido pelo que os macaenses conservarão sempre grata memoria d'este grande beneficio.— E. R. M.—Macáo, 26 de dezembro de 1870.—(Seguem-se 300 e tantas assignaturas)."

Para a infelicidade d'esta terra pôde mais a intriga do que o justo pedido dos macaenses.

A nossa representação foi desattendida, e perdemos os professores que tanto bem nos tinham feito.

O leal senado da camara fez ainda mais; para mostrar por si e em nome do povo que representava, quanto elle e esta cidade estavam penhorados e extremamente gratos pelos serviços que prestaram a Macáo estes saudosos padres jesuitas, como sacerdotes e como professores, dirigiu a cada um d'elles um officio do theor seguinte:

Ill.^{mo} e r.^{mo} sr.—Tendo chegado ao conhecimento d'este leal senado que v. r.^{ma} vae brevemente deixar esta cidade, cabe-lhe a mais grata satisfação de significar a v. r.^{ma} que assás sente e lamenta este acontecimento, e ao mesmo tempo muito lhe apraz render, por meio d'este, a v. r.^{ma}, um testemunho espontaneo de reconhecimento e gratidão pelos relevantes serviços que v. r.^{ma} com innegavel zêlo e com o mais apreciavel desinteresse, tem prestado em prol d'esta cidade como professor e como sacerdote, e especialmente á mocidade macaense, cuja instrucção esteve por mais de trinta annos descurada e abandonada por falta de mestres, mas graças á Providencia, com a vinda de v. r.^{ma} e de seus companheiros, tomou este ramo de serviço publico um grande desenvolvimento; e por isso muito é de lamentar que apezar do disvelo e amor com que v. r.^{ma} se tem sempre dedicado ao desempenho de um serviço tão util a esta cidade, se veja agora compellido a deixal-a, com grande detrimento da mocidade estudiosa. Este leal senado, porém, e a cidade de Macau, creia v. r.^{ma}, conservarão sempre grata memoria dos muitos serviços prestados por v. r.^{ma}, a quem teem e terão sempre na mais alta estima e consideração.

Deus guarde a v. r.^{ma}—Macau, em sessão da camara, nos 5 de agosto de 1871.

Ao ill.^{mo} e r.^{mo} sr. padre Francisco Xavier Rondina, dignissimo professor do Seminario de S. José.

L. Marques.—M. dos Remedios.—V. de Portaria —L. J. Baptista.—A. A. Pucheco.—L. A. Ferreira.

Está conforme.—Macau, 25 de agosto de 1871.—*Pedro Marques*, secretario da camara.

Cartas semelhantes, e nos mesmos termos, foram dirigidas pelo leal senado aos outros professores, os padres Cahill, Virgilli, e Antonio Pereira que ha pouco regressou a Portugal.”

Os discipulos do r.^{mo} padre Rondina tambem da sua parte pediram e obtiveram que fosse collocado n'uma das salas da camara o seu retrato, por ter elle sido o restaurador da instrucção secundaria em Macáo; como se vê do seguinte extracto da acta da sessão de 5 de agosto de 1871:

“O vereador presidente apresentou o requerimento dos discipulos do r.^{mo} padre Rondina, em que pedem permissão para collocar um retrato d'este sacerdote em uma das salas da camara, para perpetuar a memoria de tão illustre professor, e como presidente do leal senado espera que seja deferido este requerimento, accrescentando que o leal senado approva e louva este pedido o qual não é só justificado pela gratidão, que esses discipulos devem ao seu professor, mas tambem pelo impulso que este sacerdote tem dado á instrucção com grande aproveitamento dos macaenses.

Em seguida leu-se o requerimento datado de 4 do corrente mez, de varios cidadãos, e dizem que como discipulos do r.^{mo} padre Francisco Xavier Rondina, professor do seminario diocesano, que estando este prestes a ausentar-se de Macau, depois de ter feito relevantes serviços a esta cidade com notavel aproveitamento da mocidade estudiosa, por isso para perpetuar a memoria d'este illustre e bemfazejo sacerdote, elles pretendem collocar o seu retrato n'uma das salas da camara, para o que pedem ao ill.^{mo} leal senado se digne deferir no pedido. A camara deferiu este requerimento com o seguinte despacho:—Como pedem.—E resolveu-se unanimemente que o referido retrato fosse collocado na sala de entrada d'estas casas da camara, e o requerimento archivado n'esta repartição para constar.”

Finalmente no mez de agosto de 1871, no meio da consternação de quasi toda a cidade, e acompanhados das saudades e da sympathia de todos os bons macaenses, partiram de Macáo, para seus diversos destinos, os virtuosos e eruditos padres jesuitas, indo a sua bota-fóra um gran-

de concurso de seus amigos, discipulos e admiradores.

Partiram sim, mas cá ficam seus nomes escriptos em letras de ouro nos annaes da historia da nossa cara patria, pelos serviços relevantes que, como sacerdotes e como professores, teem prestado a esta cidade, e a juventude macaense especialmente; e mais ainda ficam seus nomes gravados eternamente, em caractéres indeleveis, na memoria e nos corações de todos os bons macaenses, que os souberam devidamente apreciar, prodigalizando-lhes provas inequivocas de reconhecimento, gratidão, estima e consideração. Sim, os nomes dos padres Rondina, Mattos, Cahill, Virgili e Pereira, que nos enchem hoje a alma de tantas saudades, estarão sempre na memoria e nos corações de todos os verdadeiros filhos de Macáo, cuja posteridade os proferirá algum dia com saudade, amor, respeito e veneração, e os abençoará finalmente.

Esta é a nossa consolação.

E vós, abjectos deprimidores do character d'elles, podeis continuar a preencher a vossa triste e lastimosa missão; continuae a inventar e a lançar ao publico quantas mentiras e redicularias a vossa tresvariada phantasia vos dictar contra elles, que nada conseguireis;—affiançamol-o—trabalhareis debalde, e ficareis por fim completamente logrados, pois que o severo e incorruptivel tribunal da opinião publica já os julgou e a vós tambem; a elles declarou elle benemeritos e mui dignos das brilhantes demonstrações que os macaenses lhes fizeram espontaneamente; e a vós quereis saber qual é a sentença que elle contra vós proferiu? Eil-a:

“ A canzoada que ladra do monturo sôfrega do que ha ali pôdre, atira-se com uma pedra e segue-se caminho (*).”

(*) Este lindo trecho que cabe tão á proposito ao final d'este assumpto, offereceu-nos o *Oriente* no seu n.º 7.

IV

Quem hade educar os nossos filhos?

Aos macaenses em geral, e aos paes de familia especialmente, pedimos que ponderem e reflitam sériamente sobre este assumpto.

Não é esta uma questão de opinião, ou de sentimentalismo, que se póde tratá-la com leviandade, ou espaçá-la para amanhã.

É uma questão de vida ou de morte, da qual depende um futuro de prosperidade, ou da mais abjecta indigencia para os filhos d'esta terra.

Com muita rasão ponderou a representação, que ha pouco acabamos de lêr, que “esta colonia (Macáo), mais do que nenhuma outra, precisa de uma instrucção publica bem desenvolvida, porque a sua posição excepcional colloca os naturaes d'ella na necessidade de só poderem ganhar a vida, exercendo misteres que requerem alguma cultura intellectual e o conhecimento de linguas estrangeiras, e por isso se vê com evidencia, que negar aos macaenses os meios de se

instruïrem é o mesmo que tirar-lhes os meios de subsistencia.”

Na verdade, a instrucção para o filho de Macáo, além das innumeradas vantagens que ella lhe dá, é o unico recurso que elle tem para se habilitar a ganhar a vida decentemente.

Por ventura, não estamos vendo todos os dias que aquelles dos macaenses que são ignorantes, analphabetos, e não teem cultura alguma intellectual—cujo numero felizmente não é por ora ainda avultado, mas póde crescer—são os homens mais infelizes do mundo?

Elles não podem ser lavradores, operarios, ou mechanicos, porque não teem onde se empreguem n'estes officios, e nem poderiam luctar com a concurrencia dos chinas.—Restam-lhes sómente as occupações ruins de guardas de *chuchae*, guardas de *fantan* e quejandas.

Um macaense que tenha um pouco de brio e que vê estes espectaculos, não póde ficar impassivel.

Recrudescer ainda mais esta lugubre impressão quando se reflecte que o futuro póde ser ainda muito mais medonho

Nosso empobrecimento crescerá á proporção que se fôr abaixando o nivel da instrucção.

Haverá por ventura remedio para tão grande mal?

Ha,—e de mui facil resolução.

Com um pequeno sacrificio de dinheiro, com a boa vontade, e com uma grande união entre nós os macaenses, conseguiremos remediar algum tanto o estado actual, e melhorar grandemente o futuro.

Podemos, quando unidos, estabelecer em bases seguras e estaveis uma instrucção desenvolvida, solida, e appropriada ás nossas necessidades, a qual, sendo vulgarisada, abrirá aos nossos compatricios larga estrada para conquistarem lucrativos empregos e posições honrosas, que offerecem o commercio e a navegação, hoje tão desenvolvidos, n'este immenso e rico littoral da China e do Japão.

Se quizermos estudar bem esta questão, não devemos restringir-nos só á rotina do que se practica em Portugal, nem tomar por unico termo de comparação as aulas, as disciplinas, o systema, o methodo, e a practica que vogam n'aquelle paiz.

Não devemos, nem podemos perder de vista as circumstancias especiaes do paiz, a indole dos habitantes, e as condições dos povos, com os quaes vivemos em contacto.

Sobretudo devemos tomar em grande consideração o desenvolvimento intellectual, que vae progredindo por essa China, outr'ora tão isolada e estacionaria.

Não mencionaremos já as escolas que foram fundadas em Cantão, Shanghae, e Tientsin, nem as escolas frequentadas pelos chinas em Singapura, Malaca, e Penang, etc. ;—limitar-nos-hemos somente a Hongkong.

A *Central School* de Hongkong é regida por professores inglezes (europeus) e chinas.—As disciplinas que ahi se ensinam, são: linguas ingleza e chinesa, geographia, historia, mathematica, sciencias naturaes, desenho e musica.—Segundo o ultimo relatorio do director m.^r Stewart, datado de 15 de fevereiro de 1872, foi esta escola fre-

principalmente quando os alumnos são muito jovens, como o são na generalidade—dar ao estudo da arithmetica e com especialidade ao da contabilidade commercial, todo o desenvolvimento que se precisa.

Todas estas circumstancias e as mais que são evidentes, e a falta de um professor inglez, demonstram exuberantemente que a instrucção que ora offerece o seminario, não póde satisfazer as necessidades da mocidade macaense.

Pela comparação das duas escolas de Macáo e Hongkong se póde deduzir, que um joven que tenha cursado com aproveitamento os estudos de *Central School* virá a ser muito mais util a si e aos seus, do que um futuro alumno do actual seminario, porque aquelle terá mais habilitações aproveitaveis, e poderá ganhar a vida e ter uma posição decente muito mais facilmente do que este.

O alumno do seminario poderá certamente apresentar muitos attestados de exames, e até pergaminhos, com muitas assignaturas e rubricas, mas tudo isto de nada servirão quando se tratar, não das superficialidades e apparencias que lançam poeira nos olhos, mas da realidade positiva,—de ganhar o pão de cada dia com as habilitações que tiverem adquirido na juventude.

Muito nos alegamos com o adiantamento dos alumnos chinas de *Central School* e saudamos o progresso onde quer que elle appareça.

Lastimaremos, porém, devéras se a nossa má sina nos condemnar a ficarmos mais atrazados que elles.

Mas dir-nos-hão:—o seminario diocesano é susceptivel de muito melhoramento.

Concordamos que assim é. Esse estabelecimento possui dois elementos que podem favorecer um grande desenvolvimento; possui uma bella e grande casa, e póde dispôr de muito dinheiro.

Mas o elemento essencial,—os professores, onde estão, ou d'onde hão de vir? . .

Professores estrangeiros—não são admittidos em S. José.

Professores nacionaes,—onde os encontrarão?

Serão elles *seculares*; *clerigos seculares*, ou *regulares*? . . .

Professores *seculares* experimentados e de grande saber—não ha probabilidade que hão de vir de Portugal para o seminario, como até agora não teem vindo, pela simples rasão de não haver incentivo algum que os possa attrahir, e possa contrabalançar os sacrificios que teem de fazer para cá virem.—Elles não teem aqui perspectiva alguma de gloria, nem esperança de fazer fortuna (*); não teem garantia alguma de um futuro certo na sua patria, nem tão pouco a certeza de não morrer de penuria, se tiverem de voltar para o reino por doente ou por impossibilidade de trabalhar.

Os *clerigos seculares*—estam quasi nas mesmas condições dos simplicies seculares.

Por ventura não vemos que actualmente o seminario diocesano não tem mais que um unico professor que é sacerdote (o sr. p.^o Vasconcellos), e este mesmo não veio destinado para o seminario, está aqui ha muitos annos, entrou no seminario no corrente anno lectivo, e apenas ensina o 2.^o anno de Portuguez, dando só uma aula de hora e meia por dia? . .

(*) O maior salario de um professor do seminario é \$400 por anno.

quentada em 1871 por 367 alumnos, quasi todos chinas.—Não menos de 50 alumnos que deixaram esta escola—só n'um anno, o de 1871—obtiveram, segundo o testemunho do citado relatorio, empregos lucrativos!

A estes factos não accrescentaremos nenhum commentario nem reflexão; elles fallam por si mesmos. Apresentando-os á consideração dos nossos compatriotas, pedimos sómente que pensem e reflectam, e façam uma comparação de tudo isto com o que podemos esperar do unico estabelecimento de educação em Macáo,—do seminario diocesano.

Segundo os melhores dados que pudemos obter, formamos uma relação dos professores, das disciplinas, do numero aproximado dos alumnos, e do tempo das aulas do seminario, que abaixo transcrevemos.

Eil-a:

Disciplinas	Professores	Tempo que dura cada aula	Numero dos alumnos
Physica	Dr. Magalhães.....	1 hora....	2 alumnos
Francez.....	Dr. Magalhães.....	1 " ...	25 " "
Latim.....	A. Cabral.....	2 " ...	40 " "
Portuguez 1.º anno..	A. Cabral.....	1½ " ...	60 " "
Portuguez 2.º anno..	P.º Vasconcellos	1½ " ...	28 " "
Inglez 1.ª classe....	Theodosio Rodrigues..	1½ " ...	29 " "
Inglez 2.ª classe....	Mariano Alvares.....	1½ " ...	25 " "
Philosophia	Theodosio Rodrigues..	1½ " ...	10 " "
Lingua mandarina..	P. Nolasco da Silva Jr.	1½ " ...	8 " "
Instrução primária, classe superior	Manuel da Silva	3 " ...	40 " "
Instrução primária, classe inferior			
Nautica	F. J. Marques	1½ " ...	13 " "

Este quadro do actual ensino do seminario, offerece materia para muitas e sérias considera-

ções, mas attendendo ao fim para que o apresentamos, limitar-nos-hemos sómente a algumas breves observações. Prevenimos desde já que não temos a minima intenção de deprimir pessoa alguma; mas temos de fazer conhecer aos nossos compatriços qual é a instrução que elles podem esperar para seus filhos e parentes.

Os srs. professores actuaes do seminario, poderão ser mui diligentes e zelosos no cumprimento dos seus deveres, como cremos que o são; mas certo é que o tempo que dura cada aula é limitadissimo para tantos alumnos; e esta estreitesa de tempo bastaria para impedir o adiantamento dos jovens.

Para a aula de *physica* e *philosophia*, não ha duvida que uma hora e meia por dia, é tempo bastante; mas para o estudo de linguas e com tão grande numero de alumnos, é com toda a certeza insufficiente.

Se a isto accrescentarmos a circumstancia de de que as férias, que eram antes de um mez e meio em cada anno, vão ser, segundo o novo regulamento, de tres mezes e mais, a saber de 1.º de junho a 8 de setembro, poderão os leitores formar uma ideia do resultado que se deve esperar.

Na relação das disciplinas acima transcripta, não vemos figurar a *geographia*, a *historia*, e a *escripturação commercial*, que são disciplinas, não dizemos só uteis, mas de primeira necessidade.

Outrosim é sabido por todos que não ha no seminario outra aula de *arithmetica*, senão a que lecciona o sr. Francisco Joaquim Marques, professor de *nautica*, que tem de ensinar, dentro de 9 mezes, *arithmetica*, *algebra*, e *geometria*, e por isso, dentro de tão pouco tempo, é impossivel—

principalmente quando os alumnos são muito jovens, como o são na generalidade—dar ao estudo da arithmetica e com especialidade ao da contabilidade commercial, todo o desenvolvimento que se precisa.

Todas estas circumstancias e as mais que são evidentes, e a falta de um professor inglez, demonstram exuberantemente que a instrucção que ora offerece o seminario, não póde satisfazer as necessidades da mocidade macaense.

Pela comparação das duas escolas de Macáo e Hongkong se póde deduzir, que um joven que tenha cursado com aproveitamento os estudos de *Central School* virá a ser muito mais util a si e aos seus, do que um futuro alumno do actual seminario, porque aquelle terá mais habilitações aproveitaveis, e poderá ganhar a vida e ter uma posição decente muito mais facilmente do que este.

O alumno do seminario poderá certamente apresentar muitos attestados de exames, e até pergaminhos, com muitas assignaturas e rubricas, mas tudo isto de nada servirão quando se tratar, não das superficialidades e apparencias que lançam poeira nos olhos, mas da realidade positiva,—de ganhar o pão de cada dia com as habilitações que tiverem adquirido na juventude.

Muito nos alegamos com o adiantamento dos alumnos chinas de *Central School* e saudamos o progresso onde quer que elle appareça.

Lastimaremos, porém, devéras se a nossa má sina nos condemnar a ficarmos mais atrazados que elles.

Mas dir-nos-hão:—o seminario diocesano é suscetível de muito melhoramento.

Concordamos que assim é. Esse estabelecimento possui dois elementos que podem favorecer um grande desenvolvimento; possui uma bella e grande casa, e póde dispôr de muito dinheiro.

Mas o elemento essencial,—os professores, onde estão, ou d'onde hão de vir? . .

Professores estrangeiros—não são admittidos em S. José.

Professores nacionaes,—onde os encontrarão?

Serão elles *seculares*; *clerigos seculares*, ou *regulares*? . . .

Professores *seculares* experimentados e de grande saber—não ha probabilidade que hão de vir de Portugal para o seminario, como até agora não teem vindo, pela simples rasão de não haver incentivo algum que os possa attrahir, e possa contrabalançar os sacrificios que teem de fazer para cá virem.—Elles não teem aqui perspectiva alguma de gloria, nem esperança de fazer fortuna (*); não teem garantia alguma de um futuro certo na sua patria, nem tão pouco a certesa de não morrer de penuria, se tiverem de voltar para o reino por doente ou por impossibilidade de trabalhar.

Os *clerigos seculares*—estam quasi nas mesmas condições dos simplicis seculares.

Por ventura não vemos que actualmente o seminario diocesano não tem mais que um unico professor que é sacerdote (o sr. p.º Vasconcellos), e este mesmo não veio destinado para o seminario, está aqui ha muitos annos, entrou no seminario no corrente anno lectivo, e apenas ensina o 2.º anno de Portuguez, dando só uma aula de hora e meia por dia? . .

(*) O maior salario de um professor do seminario é \$400 por anno.

Por ventura não sabemos que o decreto de 20 de setembro de 1870 determina que deve haver no seminário quatro conegos-professores? E onde estão elles? Nem se quer um só ainda lá poz os pés!

Por ventura não sabemos que foram nomeados varios conegos, e estes ou pediram depois a sua exoneração ou não quizeram vir?

Por ventura não sabemos que o sr. p.º Carvalho trabalhou muito para trazer sacerdotes para professores do seminário, e todavia não os pôde obter em todo Portugal; e se vio obrigado por fim a acceitar um joven secular, o sr. A. Cabral, para professor de latim, dando assim um espectáculo bastante curioso de se vêr um seminário das missões que não tem ao menos um sacerdote para professor da lingua latina?

Em Portugal ha, sem duvida alguma, professores habeis e sacerdotes muito morigerados e zelosos, mas é que não querem vir para o ultramar, como está provado pelo abandono em que estão as missões portuguezas.

Resta-nos, porém, ainda uma esperança,—o seminário das missões de Sernache de Bom Jardim.

Poderá este seminário fornecer a cidade de Macáo do numero sufficiente de professores?

Vejamos.

Em 1850 mandou este seminário dois sacerdotes para Macáo, os reverendos srs. Gouveia e Barroso.

E agora, em 1872, depois de 22 annos, dizem que hão de vir para Macáo mais dois sacerdotes, filhos d'aquelle seminário.

Mui desgraçados seriam os macaenses, se tivessem de basear toda a sua esperança de instrução, n'um tal seminario que póde apenas enviar para Macáo sómente 2 padres em cada 22 annos !.....

Além d'isto, consta-nos que não ha esperança de que esse seminario melhore, porque o bispo eleito de Macáo, D. João Pimentel, que era antes reitor d'esse seminario, e foi quem o restaurou e lhe deu muita vida e desenvolvimento, vae em breve deixal-o, porque foi nomeado bispo de Angra, e os professores jesuitas, que ahi antes leccionavam, tambem já o deixaram; de modo que, em lugar de progresso e melhoramento, é mais provavel que esse estabelecimento fique em breve desorganizado por falta do pessoal competente, como o tem sido antes, por muitos annos, segundo temos ouvido dizer.

Para melhor informação do publico sobre este assumpto, transcrevemos do *Diario Nacional* de 5 de dezembro de 1871 o trecho seguinte:

“ Sem que tenhamos collegios adoptados ao fim das missões, queremos ter missionarios. Os governos, durante cada anno, fazem varias remessas de missionarios para ultramar. N'essas expedições vae o militar, o professor, o empregado civil e o padre. Os serviços por elles prestados são quaes se podia e devia esperar, desde que o unico ou o principal motor é o interesse; desde que não é o dever, a vocação, ou mesmo a obediencia que conduz ali os individuos aos quaes o estado incumbe o exercicio de valiosos encargos em tão remotas paragens.

Proveem-se as dioceses. Os prelados vão partir. Requistam padres, porque sem elles inutil seria o partir. Que acontece? O unico collegio das missões que nos resta, tem atravessado quadras apertadissimas, luctado com difficuldades quasi insuperaveis, vivido vida tão mesquinha, que não serão muitas as pessoas que saibam da existencia de semelhante estabelecimento em Portugal; não póde elle pois responder ás sollicitações dos prelados do ultramar, acudindo com os ministros de que estes carecem para seus delegados na obra civilisadora da propagação do evangelho.

O expediente adoptado n'estas circumstancias é bem triste:— occultal-o seria indulgencia; mas importa ser antes severo.

Insta que se reconheça a enormidade do mal, para que se lhe acuda com remedio efficaz.

O que fazem os prelados do ultramar, convencidos da impossibilidade de lhes serem destinados os padres de que absolutamente carecem? Conferem as ordens a quantos thurifrarios analphabetos se lhes apresentam, affectando vocação que não têm, e que quando a tivessem seria esteril, em vista da sua carencia de conhecimentos.

Os novos sacerdotes, assim ordenados com a mesma facilidade com que muitos o foram, antes do restabelecimento dos seminarios como acima notamos, ou não acompanham o prelado, invocando pretextos a que lhe dá azo a circumstancia de ser indelevel o character sacerdotal de que já são revestidos, ou se o acompanham, regressam em breve para a metropole, sob color de doença ou de nostalgia.

Assim se substituíram as nossas missões!

Assim se collocou no lugar d'aquella convicção, a que *Lacordaire* chama *reflectida, soberana e immutavel*, o calculo do mercenario, a ambição do especulador!

O collegio das missões, ora existente no Sernache do Bom Jardim, foi restabelecido por decreto de 21 de maio de 1844.

Depois de 27 annos de existencia attribulada, cada vez o amesquinham mais!

E que vocações se teem ali inutilizado!

Apontaremos dois factos, ambos significativos.

No anno de 1866-67, frequentaram os seminarios das differentes dioceses 1,377 alumnos, e d'estes fizeram exame 820, sendo approvados com louvor apenas 10. No mesmo anno frequentaram o collegio das missões ultramarinas 33 alumnos, todos fizeram exame, todos foram approvados, obtendo louvor 23.

O outro facto a que nos referimos, é a deserção dos alumnos de mais acceza vocação, os quaes teem ido alistar-se em missões estrangeiras, propondo-se para exercerem em beneficio immediato de outros paizes, com quanto em beneficio geral do mundo, a missão de evangelisadores.

Talvez que nas longinquas paragens onde elles annunciam a Boa Nova, encontrem algum dia quem os estreite nos braços bradando-lhes entre jubilos:—Conheço-te, irmão querido, porque as inflexões da tua voz disseram-me ao coração, que tu és portuguez como eu sou.—Quando assim fôr, que se lembrem de quanto doem as ingratidões que elles soffrem."

Tambem para informação do publico, extractamos de um opusculo (*) de D. Isidoro de Noronha o seguinte:

"É preciso que o chefe da associação diga ao frade—Vá missionar a Benguella, ao Ambriz, á foz do Zaire, a Moçambique;

(*) Um brado pelas colonias.

vae lá morrer provavelmente, mas vae morrer para viver com o Senhor, cujas ordens lhe dou.

Diga-se o que se queira; isto em vasta escala, como é mister, só com frades se consegue, o resto é verbiagem, sophismas, e absoluta inexperiencia, que salta aos olhos de quem não esteja obcecado pelos prejuizos illiberaes e anti-catholicos.

Esperar alguma coisa semelhante do clero secular disperso, desobrigado de tanto, é uma utopia das mais absurdas: confiar em simplices casas de missões este momentoso empenho é o mesmo que dizer, que o seminario de Sernache de Bomjardim, aliás respeitavel estabelecimento, tem já missões importantes, e um numeroso pessoal, que se prepara para prestes satisfazer as necessidades da missão.

A experiencia ahi está; este estabelecimento com cerca de 30 annos de vida, e apezar de favorecido pelo governo, o que tem produzido? O que promete? Pouco de certo, e porque? Porque não attrahe as verdadeiras vocações, porque não fere as juvenis aspirações com o prestigio de uma grande e energica corporação religiosa; porque mesmo é quasi ignorado do publico, que só o poderia conhecer por seus proveitosos resultados; estabelecendo-se assim um circulo vicioso.

Qualquer estabelecimento d'estes carece de se acreditar para attrahir vocações, e carece de vocações, feitas missionarios, para se acreditar, e não ha sair d'aqui."

.....
 "Teem-nos fallado em seminarios de clero secular, e ainda ultimamente o governo pretendeu, com a exigencia do juramento de servir a missão, assegurar a persistencia dos seminaristas no cumprimento do seu compromisso.

Não é só com seminarios, que se acode ás necessidades moraes e religiosas das colonias, porque a educação dos seminararios não basta para o genero do serviço, que se exige nas missões.

Os seminarios, ainda que os houvesse adequados para esse fim, não o preencheriam; podem elles crear clerigos instruidos, mas não lhes imprimem a obediencia, que é a essencia da profissão religiosa!

Uma longa experiencia mostra, que dos collegios não teem ido missionarios para o ultramar, porque alguns alumnos, acabados os estudos, recusam-se a partir para as missões; outros param em meio, e abraçam outra carreira.

Quem obrigaria aquelles a partir? Era realmente de esperar uma bella missão feita pelos missionarios levados a cordel! Havia de ter graça, se de graças fosse uma coisa tão séria. Quem compelliria estes a proseguir o seu curso de estudos, que os levasse ás missões?

Agora suscita-se a idéa do juramento! É um principio de reprovação da desastrosa extincção dos frades; no juramento está a essencia do voto religioso. Mas o juramento não basta.

O missionario não deve só ir para as missões; deve ir com abnegação, para servir até a morte, se tanto fôr preciso; deve estudar as tradições da missão, empenhar-se em multiplicar as obras, que a desenvolvem e fortificam, ser operario segundo o mesmo systema, e estar na segura esperanza, de que após elle o successor continuará no roteamento, em que deixa abertos sulcos profundos e promettedores de boa colheita. É mister ainda que tornado invalido, ou carregado de annos, conte a familia religiosa para os dias da doença e da velhice, que nem sempre seriam bem vindas á familia natural, dado que existisse ainda.

Não basta pois o juramento: para evangelizar os povos da Africa são necessarios religiosos cheios de caridade e dedicação; não bastam quaesquer sacerdotes. O mister de missionario carece de uma vocação especial, e de um noviciado apropriado, e uma vez que o exercicio de evangelizar os povos idolatras e barbaros não entra, como um dos deveres religiosos da profissão, nunca se poderá obter missionarios.

Que importa que os seminarios se vão enchendo de alumnos? Não confiamos muito d'esse facto, quando vemos que as classes abastadas e superiores não fornecem senão rarissimas vocações; pensamos que se ha muito, nas inferiores e menos felizes, quem queira ser padre, vem isso da necessidade de ter um modo de vida; não de ter vocação.

Assim acreditando, que os seminarios hão de fazer algum bem, não esperamos que d'ali saiam missionarios, como devem ser; nem mesmo no numero de que se carece."

De tudo o que fica dito se pôde facilmente colligir, que nem dos simplices seculares, nem dos clerigos seculares, nem do seminario de Sernache de Bomjardim, podemos esperar um bom contingente de professores para Macáo.

Resta pois o unico recurso, que é *os clerigos regulares*.

Os RELIGIOSOS—, eis os unicos professores sabios, morigerados, e experimentados, com os quaes podemos contar para manter um seminario, ou um collegio estavel e duradouro em Macáo.

As razões são obvias.

Nos religiosos,—não são os individuos cada um de per si que se hão de encarregar d'essa casa

de educação, mas sim a corporação, que nunca se cança, nem se faz velha, está sempre prompta e habilitada para mandar individuos, que teem uma educação appropriada para o fim a que são destinados.

Nos religiosos,—não ha o menor receio de haver interrupção, porque sempre surgem novos membros para substituir os que morrem ou os que se retiram para outros paizes.

Nos religiosos,—a obediência vence todos os obstaculos, todas as hesitações, todas as saudades, e até a nostalgia. Quando o superior diz: vá para Africa, para Oceania, ou para China, o religioso põe-se logo a caminho e não pede ajuda de custo, nem garantia de regresso (*).

Nos religiosos,—a pobreza dispensa grandes remunerações e produz uma grande economia. A proposito d'isto, diz D. Isidoro de Noronha, n'uma representação, apresentada ha poucos mezes á camara dos pares do reino, por intermedio de sr. Conde de Cavalleiros, o seguinte:—“Um missionario da propaganda, que pôde ensinar até sciencias phisicas e naturaes, ou notavel por outros predicados scientificos e litterarios, custa por anno 100 mil réis, em quanto que em Portugal se offerecem grossos emolumentos aos sacerdotes que queiram ir servir nas missões, e raros concorrem ao chamamento.”

Nos religiosos,—ha garantias de serem os professores devidamente habilitados, porque são educados para esse fim. Esta vantagem, que teem

(*) O decreto de 20 de setembro de 1870, dá aos professores do seminario ajuda de custo nos termos da tabella annexa ao decreto de 30 de dezembro de 1868; e tambem transporte para o reino á custa do estado, sendo europeus, e findos *nove* annos de serviço.—Apesar de tudo isto não ha gente habilitada que queira vir de Portugal.

os religiosos, é das mais importantes, porque se para qualquer officio ou profissão, se precisa de habilitação e educação appropriada, muito mais deve precisar o educador da mocidade. Além de que, com os religiosos, temos a esperança de acharmos para professores, homens vindos dos principaes centros da civilisação, homens educados nos melhores collegios de Europa, homens, em fim, que estam ao facto dos modernos aperfeiçoamentos das artes e das sciencias

Nos religiosos,—haverá a certesa de harmonia e concordia entre elles, porque a uniformidade de idéas e de sentimentos, a obediencia, e a caridade christã os trazem sempre unidos e em paz. Não é esta das mais somenos vantagens, porque é innegavel que a falta de boa intelligencia entre os professores de um estabelecimento de educação traz muitos inconvenientes. Isto dizemos, porque não faltam precedentes aqui em Macáo.

Emfim, será estafar um ponto já discutido, se quizessemos esmiuçar as muitas vantagens que teem os *religiosos* sobre o clero secular, em tudo que diz respeito ás missões ou em estabelecimentos de educação nas colonias (*).

(*) No *Boletim do governo de Macau*, de 9 março de 1861, n'um artigo assignado por sr. A. F. Marques Pereira, em discussão com o auctor de um folheto relativo á instrucção publica de Macáo,—lêmos o seguinte :

“Como o auctor (do folheto) muito bem sabe, a instrucção portugueza no continente do reino e nas colonias era ministrada ha 30 annos ainda, unicamente, se pode dizer, pelas ordens religiosas. A repentina abolição d'ellas devia pois de produzir forçosamente uma epocha de transicção no systema de ensino publico. Essa epocha ha muito que se atravessou no continente, onde os estabelecimentos de instrucção teem tomado um desenvolvimento que nunca tiveram. No ultramar, porém, a verdade veio mostrar em breve que só exercida por *ecclesiasticos illustrados e obrigados a certas regras de corporação, a educação publica se poderá tornar regular e estavel . . .*”

Onde encontraremos ecclesiasticos n'estas condições, senão nas ordens religiosas? . . .

Mas, dirá alguém, os religiosos são contrários á liberdade, ao progresso, e ás nossas instituições politicas

Esta asserção é uma grande mentira.

Fomos discipulos de religiosos—de jesuitas—e podemos asseverar sem o minimo receio de sermos desmentidos, que nunca ouvimos a nossos mestres ensinar doutrinas contrarias ás nossas instituições, e muito menos contra a liberdade e o progresso.

O que elles nos ensinaram e nos inspiraram, foi muito respeito e obediencia á auctoridade constituida, grande enthusiasmo pela liberdade—sem, porém, confundil-a com a licença,—e muito amor ao progresso—não o limitando sómente ao que é material.

Para se convencer que essa imputação é inteiramente absurda, basta vêr que as ordens religiosas florescem muito nos paizes os mais livres, e mais civilizados, na Inglaterra, na Belgica, na Hollanda, na Allemanha, e nos Estados Unidos d'America.

Só n'este ultimo paiz ha 764 jesuitas, que regem universidades e collegios.

Em New York sómente, contam-se 24 escolas regidas por religiosos, e frequentadas por 19,428 alumnos!

Nos Estados Unidos—n'esse paiz da verdadeira democracia e da mais lata liberdade—medram a olhos vistos os *religiosos*, e ninguem ha tão ignorante ou tão escravizado por preconceitos, que se lembre de dizer que elles são contrarios á liberdade ou ás instituições democraticas.

Em Inglaterra e seus dominios, aqui bem perto de nós, em Calcuttá, Bombaim, e Singapura, os religiosos—jesuitas e irmãos christãos—possuem

grandes collegios, e ninguem diz que elles são contrarios á liberdade.

Identificar as ordens religiosas com o systema absolutista, é—perdoem-nos a franqueza—uma grande estupidez.

Sendo certo, pelo que fica acima démonstrado, que sem *religiosos* não ha probabilidade de que virão para Macáo bons professores para manter uma casa de educação estavel e duradoura,—desejamos saber se haverá, por ventura, alguma esperança de virem *religiosos* para professores do seminario diocesano?

Nenhuma.

Depois dos ultimos acontecimentos, não haverá ordem religiosa que quererá tomar esse encargo; nem o governo portuguez o quererá tambem, como é notorio.

N'estas circumstancias, que devemos nós os macaenses fazer?

Aqui diremos francamente em alta voz, e sem metaphora, qual é a convicção que temos no intimo da nossa consciencia.

Todos os macaenses, que quizerem assegurar para a sua prole uma boa educação religiosa e uma instrucção solida, e appropriada ás nossas necessidades, e que estiverem convencidos pela experiencia do passado e pelos factos que temos diante dos olhos, que este *desideratum* se não póde conseguir sem ser por meio de um collegio particular dirigido por religiosos;—todos estes macaenses, deverão unir-se com firmeza e energia, a fim de trabalharem com afinco para a realisação d'este pensamento.

Temos a certeza de que esta opinião é partilhada por todos os nossos compatriotas mais abastados e mais conspicuos, e pela generalidade dos paes de familia que teem filhos a educar.

Esta aspiração dos macaenses é legitima, justa, louvavel, e muito conforme aos seus verdadeiros interesses.

Na verdade, já temos conhecido pela experiencia, que os *religiosos* são os unicos que poderão fornecer Macáo de bons professores; por isso *se pudermos ter a felicidade de obter os serviços de alguns d'estes santos varões*, porque não os abraçaremos com alegria? . . .

Não pedimos o estabelecimento de algum convento.

Não pedimos o reconhecimento de alguma ordem religiosa.

Não pedimos nenhum privilegio nem immuni-
dade.

Não pedimos nenhum dinheiro da caixa publica.

Não pedimos nenhum subsidio do governo.

Não pedimos mais do que a liberdade.

Não pedimos senão a liberdade de poderem alguns *religiosos* respirar o ar da cidade do santo nome de Deos de Macáo na China, como qualquer outro cidadão de um paiz livre.

Não pedimos para elles senão a mesma liberdade que tiveram em 1862, quando para aqui foram mandados pelo governo.

Este nosso pedido tão justo será indeferido, contrariado e hostilizado?

Por quem? . . .

Sel-o-ha, por ventura, pelo reverendo conegò Antonio Luiz de Carvalho, actual governador do bispado?

Não o crêmos. Sua r.^{ma} é catholico apostolico romano; e isto basta para nos garantir que sua r.^{ma} não hade indeferir e contrariar o nosso pedido, e nem hade oppôr-se á realisação do collegio particular que indicamos.

Haverá, por ventura, opposição da parte do governo? . . .

Nem isto devemos esperar do nosso governo, que é tão amante da liberdade.

Além de que, é tão acatado e respeitado em todo o mundo civilisado o direito inalienavel que teem os paes de poderem confiar a educação de sua prole aos educadores de sua escolha e de sua confiança, que muito duvidamos que n'esta cidade não o seja tambem.

Não podemos por nenhum principio receiar que na presente epocha da liberdade e do progresso, haja governo ou auctoridade que tenha a crueldade de vir dizer aos macaenses: “sêde embora condemnados á ignorancia, mas não haveis de ter os unicos professores bons que podeis esperar.”

Tamanho despotismo seria anachronico, e quando mesmo se desse, os clamores de suas victimas cobrirão de opprobrio o déspota.

A necessidade então obrigaría os nossos jovens a se expatriarem desde a mais tenra idade para a colonia visinha de Hongkong, onde esse almejado collegio poderá florescer á sombra do leão britanico e sôb a protecção do illustrado prefeito apostolico, digno representante de sua santidade Pio IX, o grande.

Enunciando nós com tanta franqueza o nosso pensamento, não julguem que tenhamos a menor intenção de fazer opposição ao seminario diocesano.

Desejamos do coração vê-lo prosperar e desenvolver-se, se possível fôr.

Em Macáo, um estabelecimento mais de educação, não pôde de modo algum prejudicar o seminário, porque não lhe hade ir tirar a sua casa, os seus fundos, nem o seu pessoal.

A respeito d'isto, o *Boletim da provincia de Macau e Timor* de 30 de setembro de 1867, quando fez menção do projecto de offerecer ao governo o remanecente dos fundos da "Nova Escola Macaense" para estabelecer um lyceu em Macáo, fez uma reflexão mui sensata.

Eil-a:

"A comissão foi logica no seu proposito, e nem os subscriptores se poderiam subtrahir decentemente á resolução por ella tomada. Se a criação da Escola Macaense importava a necessidade de um lyceu na colonia; querer que ella continue, empenhar-se em que ella não pereça, não será continuar na mesma obra?! A comissão soube pois o que fez, e fez o que lhe cumpria fazer, nas circumstancias actuaes de ensino na colonia.

E não se supponha que tão acertada resolução importa um acto de hostilidade contra o seminário de S. José, como parecem crê-lo alguns espiritos sombrios da colonia. NUNCA SOBEJA O ENSINO N'UMA CIDADE; e o collegio de S. José, na sua honrosa missão, faz relevantes serviços ao paiz, desempenhando-se do que lhe cumpre. E nem tantos são os missionarios portuguezes que existem hoje na Asia, para se poderem dispensar facilmente os serviços d'aquelle utilissimo collegio.

Em nosso crer os dois estabelecimentos—Seminário e Lyceu—podem e devem co-existir na colonia, e a ambos não faltam que fazer na sua obra meritoria da civilização de Macáo."

Estas tão judiciosas ponderações do *Boletim*, devem dissipar qualquer juizo temerario que por ventura espiritos *sombrios* tenham feito com relação ao collegio particular que temos indicado, o qual, além d'isso, não poderia jamais ser taxado de superfluo, porque *nunca sobeja o ensino n'uma cidade*, principalmente em Macáo, que conserva as tradições dos diversos estabelecimentos de instrucção que possuirá outr'ora.

Em conclusão devemos dizer mais duas palavras aos nossos compatriotas.

Nenhum dever ha mais sagrado para um pae de familia, do que o de educar seus filhos.

O cumprimento d'este dever impõe sacrificios e despezas em toda a parte do mundo; e que direito temos nós em Macáo para esperar que sempre nos dêem gratuitamente a instrucção primaria e secundaria?

E quando essa instrucção que se nos dá, não satisfaz as nossas necessidades, devemos, porventura, contentar-nos só com cruzar os braços e entoar lamentações?

Não de certo.

Outros brios devem inspirar a nossa vida social.

Os paes de familia, os cidadãos patrioticos, os homens caritativos, se querem vêr prosperar a mocidade macaense,—que unam-se todos e estabeleçam um collegio particular, onde, junto com a educação religiosa, haja um curso d'estudos dividido em certo numero de annos, onde se possa aprender com perfeição as linguas estrangeiras e tambem a nossa; onde o estudo da lingua sinica, seja, ou obrigatorio para todos, ou ao menos vulgarizado o mais possivel; onde o estudo da escripturação commercial e da mathematica seja muito desenvolvido; onde a historia, a geographia, a philosophia, a litteratura e as sciencias naturaes sejam estudadas com amor; onde o desenho e a musica sejam cultivados com enthusiasmo; onde emfim se dê uma instrucção regular, solida, e appropriada á profissão de commercio, que os jovens terão depois de seguir.

Se não trabalharem agora, não se queixem depois quando virem seus filhos, seus parentes, seus

compatricios, mal educados, ignorantes, petulantes e ao mesmo tempo inhabilitados para ganharem a sua vida com decencia.

Chorarão então lagrimas amargas, mas não haverá remedio.

Arrepender-se-hão da apathia e da avareza de agora, mas gastarão para matar a fome d'esses infelizes, mil vezes mais do que agora se precisa para os educar e para lhes dar os meios de poderem viver com o seu trabalho.

Ainda é tempo. Unamo-nos todos e trabalhe-mos.

V

Como vamos reproduzir em um appendice as duas cartas que os nossos amigos os srs. Antonio Bastos Jr. e Manuel da Silva dirigiram ao *Oriente*, para refutar o artigo d'esse jornal de 22 de fevereiro do corrente anno, pouco nos demoraremos na apreciação do citado artigo.

Demais seria fastidioso, se tivéssemos de revolver de novo essas minudencias a que o *Oriente* se agarrou, na falta de melhores armas para guerrear os professores jesuitas.

Notaremos só duas inexactidões e terminaremos.

Diz o *Oriente*:—" Não confirma o *Diario Nacional* que a projectada escola commercial, não tinha por fim a instrucção dos macaenses, mas um motivo méramente politico? "

O fim desta insinuação traiçoeira é mui transparente.

Conhece-se claramente que o articulista se esforça, com o espantallo de *motivo politico*, a indispor o governo contra a " Associação promotora

da instrução dos macaenses” que foi fundada com o fim de estabelecer uma casa de educação sôb o nome de “Collegio Commercial” (*).

Mas o articulista do *Oriente* não logrou, nem logrará, como esperamos, o seu proposito.

Essa insinuação teve logo o seu correctivo, porque a commissão administrativa da mencionada associação fez publicar no *Boletim da provincia de Macáo e Timor*, o protesto seguinte:

“PROTESTO.—Tendo o jornal *Oriente* insinuado que a “Associação promotora da instrução dos macaenses” tem um fim meramente politico, os abaixo assignados, como representantes d’essa associação, protestam, por si e em nome de todos os accionistas, contra esta insinuação, que é inteiramente falsa e destituida de fundamento, e declaram que o unico fim d’essa associação é fundar um collegio para instrução dos macaenses, como está consignado nos seus estatutos approvados pelo governo.

Macáo, 26 de fevereiro de 1872.—*M. A. dos Remedios*.—*J. J. Braga*.—*L. Marques*.—*F. M. de Graça*.—*Antonio M. Pereira*.—*Vicente de P. Portaria*.—*P. Nolasco da Silva Junior*.”

A um desmentido tão categorico, o que respondeu o *Oriente*? . . .

Nada

Callou-se.

Confessou que mentiu, e teve ao menos o pudor de não sustentar uma mentira tão vergonhosa.

Antes de proseguirmos, temos de notar que o *Diario Nacional* não contém artigo algum, donde se possa deduzir essa *confirmação* que lhe attribue o *Oriente*!

Foi uma invenção cerebrina do articulista *oriental*.

A invenção porém foi muito infeliz.

(* Publicamos no appendice os estatutos d’esta associação, e a circular que a sua commissão administrativa fez espalhar, pedindo a coadjuvação do publico.

Na verdade, não é possível haver disparate de marca maior do que dizer que os macaenses queriam estabelecer em Macáo um collegio, sem terem por fim a instrucção de seus compatricios.

Seria então para instrucção dos taes articulistas que não conhecem o significado do verbo *impingir* e não sabem que *quid inde* é uma phrase latina bastante usada? . . .

Outro disparate tambem doutoral é o dizer que essa associação tem um motivo ou fim méramente politico.

Não sabemos o que o *Oriente* entende por politica.

Se entende por politica a arte de governar,—então fez o *Oriente* uma grande descoberta, e deve fazer uma prelecção para explicar como se descobriu essa intima connexão entre a fundação de um collegio e a arte de governar.

Para nós é isto mais um novo mysterio, que deve ser collocado entre os que foram enumerados n'aquella célebre oração de *sapientia*, em que se dizia que "*de Arabia saíram os exercitos com que HERCULES conquistou uma parte das Indias*" !!

É bom que se lembre d'isso na proxima occasião.

Se entende por politica a arte de illudir os tolos e os incautos, então julgou essa associação pela bitola do seu jornal, mas julgou-a erradamente.

Os cavalheiros que compoem a "Associação promotora da instrucção dos macaenses" entraram n'esta empreza com olhos bem abertos, com pleno conhecimento da causa, e com muito boa vontade de fazer todos os sacrificios possiveis para realisar o fim que inspirou a fundação d'essa asso-

ciação. Não haja nenhum receio de que elles fiquem illudidos ou logrados. Basta de lagrimas de crocodilo.

Logrados e mui logrados ficaram , sabe quem?

Muitos dos subscriptores do *Oriente*.

Esta é a pura verdade.

Ninguem esperava que depois de um tão pomposo programma, fosse o publico mimoseado com um perpetuo estribilho de *postos fiscaes, matedouro, e extradicção de cules de " Nouvelle Penelope "* e quasi nada mais! . . .

Diz mais o *Oriente*:—" E não lhe constou que os mais conspicuos da cidade, e que não se deixaram illudir, opposeram-se tenazmente a occultos designios? "

O *Oriente* é contradictorio comsigo mesmo.

Se taes designios eram occultos, nem o *Oriente*, nem os mais conspicuos da cidade poderiam conhecê-los, e muito menos fazer-lhes tenaz opposição, excepto se estavam determinados a se opporem a algum fantasma.

Se, porém, os conheciam, logo não eram occultos, e portanto houve mentira no caso.

Outrosim seria bom que o *Oriente* publicasse os nomes d'esses mais *conspicuos da cidade* que fizeram opposição a essa associação

Até agora o publico não os conhece.

Emprazamos o *Oriente* para que os indique.

É verdade que alguns cavalheiros se opposeram á transferencia das suas quotas dos remanentes fundos da " Nova Escola Macaense " para a nova associação; mas elles mesmos declararam, e declaram ainda, que não condemnam e nem se oppoem á nova associação, mas querem só sus-

tentar um principio de direito que julgaram ter sido infringido.

Querirá o *Oriente* dizer que elles mentiram?

Se assim é, que lhe agradeçam esses cavalheiros.

A unica pessoa que nós sabemos com certeza que se oppõe a esta nova associação é o sr. redactor do *Oriente*.

Lamentamos muito semelhante aberração.

Vergonha . . . e mil vezes vergonha para o *liberal* que tanto apregoa o *progresso*, e ao mesmo tempo faz opposição mesquinha a uma associação patriótica, destinada a promover a instrucção!! . . .

Acautelem-se pois os incautos contra as prelecções d'este *liberal-obscurantista*.

Esta pequena opposição não estorvará de certo essa associação, que hade proseguir com afouteza no seu empenho de. realisar o fim para que foi fundada.

Muito do coração desejamos que essa associação prospere e consiga o seu louvavel intento por varios motivos

Primeiramente porque o collegio que ella hade fundar, dará grande impulso a instrucção dos nossos compatricios, e hade poupar a muitos paes de familia os grandes inconvenientes de enviar seus filhos para serem educados fóra do paiz.

Além d'isto convém muito que haja em Macáo um collegio bom, para onde os macaenses estabelecidos em Hongkong, Shanghae, e outros portos da China possam mandar educar seus filhos—como faziam no tempo dos professores jesuitas,—porque é este um optimo meio para cimentar a união dos portuguezes espalhados n'estas longinquas paragens.

Outrosim é esta a primeira vez que os macaenses recorreram ao grande e fecundo principio d'associação para effectuar uma empreza em grande escala.

Este principio, que é hoje a mais poderosa alavanca da civilisação, não está em voga entre nós; convém, porém, acclimatal-o no nosso paiz.

Se a " Associação promotora da instrucção dos macaenses " colher bons resultados, os filhos d'esta terra conhecerão practicamente a utilidade d'este principio, e se animarão a recorrer a elle para outras emprezas.

Só debaixo d'este ponto de vista é já bastante recommendavel essa associação.

Em vez de desperdiçar o tempo e o trabalho em questões de *lana caprina*, conviria muito chamar a attenção e a energia do povo macaense para associações de utilidade publica; e é por isso que muito confiamos que as pessoas imparciaes, sensatas e patrioticas hão de coadjuvar esta primeira associação macaense tão cheia de esperanças.

Demais a cidade de Macáo está tão distante da metropole, que convém muito que os macaenses se acostumem a ter iniciativa propria nos negocios do seu interesse, e deixem essa practica esteril de lançar sobre o governo a responsabilidade de todas as suas desgraças, e de berrar, com os braços cruzados, á espera de que o governo lhe dê tudo quanto precisam.

É bom que nós vamos acostumando a ter mais confiança em nós mesmos, e em basear a esperança de nosso melhoraumento em nossos proprios esforços.

Temos muita esperança de que a " Associação promotora da instrucção dos macaenses " hade

ter bom resultado, porque muito confiamos na energica administração que a dirige, e especialmente no digno presidente da commissão, o sr. Maximiano Antonio dos Remedios.

Este venerando ancião, e abastado capitalista macaense, depois de uma longa e laboriosa carreira de negociante probó, teve o nobre patriotismo de se collocar á testa de uma associação tão esperançosa.

A gratidão dos seus compatricios transmittirá á posteridade o seu nome, e o acclamará um benemerito da patria.

Fazemos votos sinceros para que a experiencia e o fino tacto d'este bom macaense, presidam por muitos annos a esta nascente associação, a fim de que ella realise o seu fim, e faça prosperar o projectado collegio.

Aos macaenses de brio e de pundonor compete prestar uma leal e efficaz coadjuvação ao sr. Maximiano Antonio dos Remedios e seus collegas da commissão administrativa da mencionada associação.

Temos perante nós um bello exemplo a imitar, qual é o do nobre Visconde do Cercal, o qual apezar de todos os obstaculos, trabalhou com energia para auxiliar essa associação, e para assegurar para o bem da instrucção dos macaenses, um capital avultado, que a este fim estava destinado.

Se s. ex.^a vier a soffrer por causa d'isto uma crúa guerra, como se lhe pertende fazer, deverá regosijar-se muito, porque essa guerra seria um titulo honroso para s. ex.^a, pois que ella é o fructo do seu acrisolado amor da patria, e do seu patriotico zêlo pela instrucção dos macaenses.

Oxalá possa o ex.^{mo} sr. Visconde do Cercal ter muitos imitadores, em cujos peitos o amor da patria faça calar todas as dissensões pessoaes e partidarias para sómente pensar no bem commum.

É já tempo, tornamol-o a dizer, que devem cessar todas as dissensões e malquerenças partidarias, e devem todos os macaenses estar unidos para trabalharem com afinco para o nosso melhoramento e engrandecimento.

É este o desejo ardente e o voto sincero d'aquelle, que levado pela vontade de ser util aos seus compatricios, se deixou esquecer da sua inopia intellectual, e ousou offerecer ao publico estas toscas paginas.

Antes porém de largarmos a penna diremos muito á puridade ao sr. redactor do *Oriente*, que já prevemos que s. s.^a acabando de lêr este opusculo, virá, segundo o seu louvavel costume, dizer-nos no seu jornal que tudo isto não passa de *inepcias, faltas de logica e de bom senso*, e dando a final uma d'aquellas *classicas* gargalhadas, acompanhadas de muitas *gaifonas e tregeitos*, rematará o seu discurso em afirmar que “ nós, em lugar de defendermos a causa que advogamos, fizemol-a comprometter ainda mais.” Pois muito bem. E nós cá ficamos tambem a rir desde já da muita logica, do muito bom senso, e do brilhante modo de argumentar, com que s. s.^a naturalmente (em vista dos precedentes), virá a refutar-nos. Desculpe-nos a franqueza. Póde portanto o *Oriente* descarregar sobre nós toda a sua *artilheria raia-da*, que não nos fará móssa.

FIM

APPENDICE



Do jornal o *Oriente*, de 12 de fevereiro de 1872, transcrevemos o seguinte:

“Em 19 de outubro do anno passado escrevemos para o *Diario Popular* uma carta em que, entre outras cousas communicavamos que se haviam reunido no dia 8 do mesmo mez os subscriptores da extincta *Escola Macaense*, com o fim de vêr que applicação se devia dar aos seus fundos. Que o sr. governador havia assistido; e que tendo declarado que ia ali na qualidade de subscriptor, mais tarde se declarára governador, quando lhe conveio annullar verbalmente umas portarias.

Diziamos ainda, que, na projectada organização da nova escola a que chamavam *commercial*, não viamos o amor pela instrução *publica*, porque ella estivera descurada completamente durante a administração do actual governador, sem que se lembrasse de pôr em execução o decreto de 30 de novembro de 1866; e que isto mais nos parecia um pretexto para chamar novamente os jesuitas, havendo por tanto um fim occulto para chegar ao qual muitos concorreriam, talvez, de boa fé.

Accrescentámos que o seminario, administrado pelos jesuitas ou por creaturas suas, não podia ser considerado com seriedade como casa de ensino.

Diziamos finalmente que o jesuita Cahill, professor do seminario, pregára doutrinas contrarias ás nossas instituições, perante o proprio governador, dizendo na egreja de S. Lourenço—*que os liberaes eram descendentes em linha recta de Judas.*

Escrevemos isto, e firmámol-o com o nosso nome.

Appareceu um jornal de Lisboa—*O Diario Nacional*—que julgo filho primogenito da *Nação*, censurando o que haviamos escripto. E como é possivel que nem todos hajam tido conheci-

mento do que ali se diz, não obstante haver-se alguém incumbido de o mostrar por toda a parte, transcrevemos aquelle artigo.

Eil-o:—

MACAU

“Publicou recentemente o *Diario Popular* uma carta de Macau, declarando ser do sr. Francisco da Silva Magalhães, que é cirurgião do quadro official d'aquella provincia e professor do seminario. Dirige elle invectivas e chascos ao governador o sr. Sergio, aos que suscitam a *associação promotora da instrução dos macaenses*, approvada pelo dito governador; e aos antigos professores do seminario, dos quaes diz: “que no tempo d'estes, não podia aquelle estabelecimento ser considerado com seriedade, como casa de ensino, e que não havia instrução em Macau.

Escreve estas cousas, de envolta com outras patentes inexactidões, um individuo apenas chegado a Macau e funcionario publico. Que bellos exemplos para que no ultramar se respeite a auctoridade, e se lhe mantenha o prestigio! E lastimam e admiram que haja revoltas em Goa, em Macau, em Moçambique, em Angola, na Guiné, e que as colonias estejam n'um perpetuo estado de perturbação administrativa, quando além de outras causas bem conhecidas, alguns funcionarios não hesitam em vituperar e redicularisar os seus chefes, na mesma occasião em que servem sob as suas ordens!

O sr. Magalhães mostra ignorar a verdade dos factos, e os documentos publicos; ou então accreditou de leve quantas invenções lhe referiram, expressões de odios e de invejas. As noticias mais auctorizadas de Macau, dizem o contrario do que escreve o sr. Magalhães. Os macaenses, é que não acham actualmente seriedade no ensino e na educação no seminario. Já o previam quando o povo e o senado, pediram ao governo da metropole que não affastasse d'ali os professores, que tão habil e dignamente satisfaziam as obrigações dos seus cargos. Agora os moradores mais respeitaveis manifestaram seu desgosto, no empenho com que fundaram a *associação para instrução dos macaenses*, que tão bem acceta foi logo pela população de Macau, e até elogiada pela imprensa ingleza, bem imparcial n'este assumpto.

Quanto ao merecimento dos antigos reitor e professores, se não era serio o seu ensino, porque lhe adoptaram os compendios que elles tinham feito e publicado?

Porque aproveitaram dois discipulos d'elles para regerem as cadeiras do seminario?

O conceito que d'aquelles compendios, e do curso completo de philosophia do padre Rondina, merece em Portugal e a um dos mais distinctos Criticos d'este paiz, responde de sobejo ás apaixonadas asserções do sr. Magalhães, e não menos as destroem os cinco documentos que em seguida publicamos, que já ha tempos prometteramos aos nossos leitores, do que nos iamos esquecendo, mas que nos fez lembrar a provocadora carta a que alludimos,—
“*Diario Nacional*, 20 de dezembro de 1871.”

Os documentos a que allude são:—

1.º—Um officio da secretaria do governo de Macau ao reitor do seminario, em que se pedia que os jesuitas espaçassem por mais algum tempo a sua retirada, até novas ordens do governo de sua magestade.

2.º—Uma carta do padre Thomaz Cahill significando ao governo que accedem ao seu pedido.

3.º—Uma carta do sr. Sergio agradecendo a condescendencia de suas reverendissimas; carta em que se assigna “o mais affectuoso criado (*).”

4.º—Um extracto da acta da sessão de 5 de agosto de 1871, em que a camara defere o requerimento dos *cidadãos* que, como discipulos de padre Rondina, pedem que seja collocado n'uma das salas da camara o retrato do seu mestre.

O que affirmámos n'aquella carta não é patente inexactidão; é a pura verdade que todos podem verificar: e é por isso que re-

(*) Reproduzimos na sua integra os tres documentos citados para a informação do publico.

Eil-os:

Ilmo. sr.—Em resposta ao officio de v. sa. de 20 do corrente encarrega-me sua exa. o governador de dizer-lhe que se sente magoado com a leitura do seu officio, pois em vista d'elle não poderão abrir-se as aulas mais necessarias, ficando *cortada a carreira* dos alumnos que o frequentam.

Que na immediata retirada dos professores que não são portuguezes, vê sua exa. melindre da parte d'elles bem justificado, tomando-se as disposições do decreto de 20 de setembro ultimo como tendo effeito retroactivo e no seu sentido mais lato; mas tendo morrido, e mesmo desistido alguns dos professores nomeados; não tendo este governo recebido ordem alguma, pela qual se possa entender que os actuaes professores devam deixar de exercer o magisterio para que *legalmente se acham nomeados e tem exercido com reconhecido proveito publico*, v. sa. lhes signifique da parte do mesmo exmo. sr., que prestarão mais um bom e util serviço áquelle collegio, se espaçarem por mais algum tempo a sua retirada, não só para que as aulas possam funcionar no anno lectivo que vae abrir-se como para que em vista das ordens que sua exa. haja de receber do governo de Sua Magestade a seu respeito, elles possam tomar a deliberação que julgarem mais conveniente.

Que finalmente o seu character sacerdotal lhe fez confiar que elles se não negarão a prestar mais este serviço á juventude d'esta colonia, o que pelo governo será tomado na maior consideração.

Deus guarde a v. sa.—Secretaria do governo em Macau, 28 de dezembro de 1870.

—Ilmo. sr. reitor do seminario de S. José.—*Henrique de Castro*, secretario geral.

Ilmo. e exmo. sr.—Tendo-me o revmo. reitor d'este seminario significado ser o desejo de v. exa. que os professores estrangeiros continuem por mais algum tempo a exercer o magisterio no mesmo seminario, visto que no caso de se retirarem immediatamente ficaria interrompida a carreira dos alumnos; tenho a honra de participar a v. exa. que nos prestamos com toda a promptidão a este seu desejo.

Ao mesmo tempo agradecemos com toda a cordialidade e gratidão o apreço que faz v. exa. de nossos pequenos serviços, assegurando a v. exa. que só sentimos não poderemos prestar ainda mais serviços a uma cidade, que sempre nos ha tratado com tanta bondade, e a alumnos em quem temos invariavelmente achado uma correspondencia cordial.

Deus guarde a v. exa.—Macau, 29 de dezembro de 1870.—*Padre Thomas Cahill*.

Ilmo. e revmo. sr.—Acabo de receber o officio em que v. rvma. me annuncia, que os professores estrangeiros do collegio de S. José continuam por mais algum tempo no exercicio do seu magisterio, e que por isso não ficarão prejudicados os alumnos que actualmente ali cursam os seus estudos.

Penhorado pela sua benevolencia, rogo a v. rvma. accete e se digne transmitir ao sr. padre Rondina e mais ecclesiasticos, os protestos da maior consideração com que sou—De v. rvma. o mais affectuoso criado—29 de dezembro de 1870 *Antonio Sergio de Sousa*.

solvemos escrevel-a n'este jornal para que a veracidade d'aquelles factos seja apreciada ou contestada por aquelles que d'elles teem conhecimento.

Limita-se o *Diario Nacional* a mostrar que é ousadia inconveniente, e não sei quantas cousas mais, que um subalerno escreva ou falle contra os seus superiores.

Será esta optima logica para quem não foi educado no systema liberal como nós, e por isso vemos e apreciamos os factos por prisma bem differente. O que escrevemos firmamol-o com o nosso nome, porque não sabemos esconder-nos atraz da responsabilidade de nossos actos. Não vem mal á administração, quando os empregados inferiores teem a coragem de apreciar os actos publicos de seus superiores; pelo contrario é uma garantia de que os subalternos cumprem por tal fórma os seus deveres que não receiam condemnar os maus actos de seus superiores. Antes de sermos empregado, eramos cidadão livre de um paiz livre, em pleno gozo de todos os nossos direitos civis e politicos. Se com o logar que conquistámos em concurso publico, nos fosse imposto o silencio; se com elle nos cerceassem os nossos direitos, não hesitariamos um momento em fazer o sacrificio d'esse logar á liberdade de pensar e de fallar.

Não deve o subalerno servir-se contra os superiores das armas que a posição de empregado lhe ministra: d'essas nunca nos servimos, como pôde ver-se em todos os nossos escriptos, nomeadamente nos cinco numeros já publicados do *Oriente*, em que, para tratar da questão do matadouro, fomos pedir á camara os documentos de que podiamos lançar mão.

Não é o empregado, é o cidadão quem falla dos actos publicos do governador da provincia.

Em nada destroe o *Diario Nacional* a doutrina da nossa carta.

Destroe por ventura que o padre Cahill pregava doutrina contraria ás nossas instituições?

Nega por ventura que este dissesse na igreja de S. Lourenço, na cadeira evangelica, e na presença do governador da colonia, que os liberaes são descendentes em linha recta de Judas? Que reis fazer calar o cidadão que uza de um direito, e abusaes da cadeira evangelica para pregar odios e doutrina contraria ás nossas instituições!

Não confirma o *Diario Nacional* que a projectada escola commercial não tinha por fim a instrucção dos macaenses, mas um motivo meramente politico? Pois não diz elle que os moradores mais respeitaveis de Macau manifestaram o seu desgosto ao seminario no empenho com que fundaram a associação para instrucção dos macaenses?

E não lhe constou que os mais conspicuos da cidade, e que não se deixaram illudir, se oppozeram tenazmente a occultos designios!

Se andaes de boa fé, para que occultaes esta circumstancia?

Quereis que vos demonstremos como o seminario administrativo pelos jesuitas ou pelas suas creaturas, não tinha seriedade?

Pois será seriedade administrar um estabelecimento litterario, sem haver um livro d'onde conste o numero e nomes dos discipulos?

Haverá seriedade em levar os alumnos tocando uma ridicula charanga pelas ruas da colonia visinha—Hongkong?

Será seriedade premiar todos os alumnos, havendo tal que, premiado em 3.º anno de portuguez, teve de matricular-se em instrucção primaria?

Será seriedade premiar em litteratura franceza estudantes que não sabem sequer conjugar os verbos auxiliares?

Será seriedade premiar em cosmographia estudantes que não sabem o que é cosmographia?

Haveria seriedade nas correrias que os estudantes faziam pelos corredores durante as aulas a ponto de serem obrigados os professores a sair das cadeiras?

Haveria seriedade nos exercicios de physica recreativa que o professor fazia no theatro de D. Pedro v.?

Pois crêdes que haja seriedade na representação de meia duzia de discipulos, quando mesmo por gratidão, pediam fosse collocado o retrato do padre Rondina n'uma sala da camara?

Pois crêdes seriedade na condescendencia da propria camara em inaugurar aquelle retrato, quando não inaugurou o do padre Gonçalves, auctor do primeiro dictionario da lingua sinica, nem o de Caetano Pires ou Saraiva, Leite, Miranda, Borges e outros eminentes professores portuguezes, não se lembrando o proprio presidente, discipulo do grande padre Gonçalves, de que a divida a este benemerito da patria, era uma divida de toda a humanidade?

Pois haverá seriedade em se inaugurar tal retrato, para ser apeado, passados tres dias, pela propria camara, e collocado n'um logar escuro da secretaria?

Não, isto não é serio; é uma farça burlesca a que o honrado marquez de Sá da Bandeira poz termo.

O compendio de philosophia adoptado pelo conselho d'estudos do seminario não é o de padre Rondina, como diz o *Diario Nacional*, é o de Balmes. A grammatica portugueza adoptada é a de Caldas Aulete, e não a que dizem de padre Mattos. Foram estes os compendios que o conselho votou por unanimidade, incluindo os dois discipulos dos jesuitas. Havia porém difficuldade em obter os compendios adoptados, e como na casa houvesse um grande numero dos não adoptados, cedeu-se á dura necessidade de os acceitar interinamente até que chegassem de Portugal os novamente adoptados.

Não é porque um empregado publico censura e falla contra os abusos, que as colonias perigam, mas sim por outras causas bem conhecidas que o *Diario Nacional* achou conveniente não declarar, o que nós faremos com oportunidade.

Ficamos hoje por aqui."

AO PUBLICO

“O sr. dr. Magalhães, redactor do *Oriente*, não teve a coragem de publicar uma carta minha, por medo de ver desmentidas as falsidades contidas no n.º 6 do seu jornal; e teve ainda o pouco cavalheirismo de censurar um escripto, que elle sonheou ao publico, o qual ficou d’esse modo inhabilitado de poder apreciar se era verdade que esse escripto continha ineptias e faltas de logica e bom senso, como assevera esse illustrado liberal, que nega a outrem a liberdade de dizer a verdade.

Apresento em seguida essa carta para a apreciação do publico.
Eil-a:

Ill.^{mo} sr. redactor do *Oriente*.—Traz o ultimo numero do seu jornal um artigo que falla dos jesuitas e suas creaturas, ao qual liguei alguma attenção por ser cousa que me diz respeito, pois tambem eu sou creatura, discipulo e grande amigo dos jesuitas.

Diz pois o *Oriente* que o seminario administrado pelos jesuitas (*) ou pelas suas creaturas não tinha seriedade, e para provar esta asserção limita-se simplesmente a fazer umas poucas de perguntas, as quaes nada provam, por serem feitas sobre factos que nunca se deram.

Ora quem disse ao *Oriente* que o seminario no tempo dos jesuitas não possuia um livro d’onde constasse o numero e os nomes dos discipulos? Não só havia um livro, mas até mais d’um: ahi estão o sr. padre Maximo e o sr. João Miguel da Rosa que o digam.

Quem disse ao *Oriente* que os alumnos do seminario, no tempo dos jesuitas, tocaram uma redicula charanga pelas ruas da colonia visinha—Hongkong? Sendo eu um dos da banda não me lembro ter tocado pelas ruas de Hongkong. Tocamos, sim, em casa do sr. João J. dos Remedios que com muita instancia nos convidou para irmos ficar em sua casa, onde tão bem fomos obsequiados e do que sempre me lembrarei com gratidão. Tocamos tambem em mais algumas casas para onde fomos convidados; mas nunca tocamos pelas ruas.

Diz o *Oriente* que era uma redicula charanga! O que eu posso dizer, sr. redactor, é que em todas as partes para onde iam, eramos calorosamente applaudidos e que basta conhecer os talentos e habilidades musicas do maestro Antinori e do seu sobrinho Salvini para avaliar essa banda de musica, da qual muitos em Macau se lembram ainda com saudade, principalmente por occasião d’alguma festividade religiosa.

Quem disse ao *Oriente* que no tempo dos jesuitas se premiavam todos os alumnos, havendo tal que, premiado em 3.º anno de portuguez, teve de matricular-se na instrucção primaria? Tenho presentemente a meu cargo a cadeira de instrucção primaria, e não ha na minha aula alumno algum que tivesse sido pre-

(*) É uma falsidade o dizer-se que o seminario fôra administrado pelos jesuitas ou creaturas suas, porque nunca o foi senão pelo rev. o conego Gouvêa.

miado em 3.º anno de portuguez! Poderá pois o sr. redactor esclarecer-me como se chama ou quem é esse alumno?!

Quem disse ao *Oriente* que, no tempo dos jesuitas, os estudantes faziam correrias pelos corredores durante as aulas, a ponto de serem obrigados os professores a sair das cadeiras? Diga-me sr. redactor, quem é ou foi esse professor, e quantas vezes lhe succedeu isso? Diga-me tambem, sr. redactor, se não seriam severamente castigados ou reprehendidos os alumnos que tal praticassem, ou se lhe consta que alguma outra falta se commettesse sem ter logo o seu prompto correctivo? Em fim lembre-se que no tempo dos jesuitas era bedel das aulas o sr. padre Maximo, que sempre fez observar grande ordem e silencio pelos corredores, no tempo das aulas, de sorte que nem era permitido a algum alumno interno ir á camarata, ainda que fosse para procurar algum livro que acaso lhe tivesse esquecido.

Quem disse ao *Oriente* que houve um professor que fazia exercicios de physica recreativa no theatro de D. Pedro V? Não foi o professor que fez esses exercicios, mas sim os discipulos sob a direcção do professor. Em que faltou seriedade a esses exercicios?

Em que é que tambem falta seriedade na representação, não de meia duzia, mas sim de mais de doze discipulos, que por gratidão e amizade pediram fosse collocado o retrato do padre Rondina, seu mestre, n'uma sala da camara? Eu tambem assignei essa representação, e assignaria quantas houvesse para um tal fim—o de patentear minha gratidão e amizade—, porque os padres jesuitas, e em especial o padre Rondina, foram meus mestres e extremos amigos, como tambem amigos zelosos do bem estar dos macaenses, e que mereciam muito mais do que nós lhe fizemos ou poderíamos fazer.

E não diga o *Oriente* que esse retrato foi apeado, passados tres dias, pela propria camara, e collocado n'um lugar escuro da secretaria, pois foi a pedido dos proprios discipulos do padre Rondina que o retrato foi transferido para o lugar mais distincto e visivel da secretaria, por julgarem estar melhor ahi do que no seu primitivo logar.

Agora, sr. redactor, saiba que os jesuitas são homens, e os que agora estão no seminario, incluindo o sr. redactor, tambem são homens, e como taes sujeitos todos a errar; na hypothese pois que os jesuitas commettessem suas faltas, não as poderiam ter tambem commettido ou vir a commetter o sr. redactor e os mais que agora estão no seminario? Por tanto: *poupa, se queres que te poupem.*

Admira-me ter o *Oriente* asseverado que o seminario, administrado pelos jesuitas ou por creaturas suas, não podia ser considerado com seriedade como casa de ensino. Então onde foram receber ensino os que hoje passam e são tidos como os jovens mais instruidos d'esta terra, e os quaes occupam distinctos empregos em Macau e em muitos portos da China e até mesmo deu-

tro do seminario, confiando-se até a primeira cadeira de instrucção a um d'esses jovens? Essa cadeira é a de philosophia.

Muito mais lhe teria que dizer, sr. redactor, mas não faltarão melhores pennas que se encarreguem d'isso; e pelo que fica dito se conclue, ou que o sr. redactor está muito mal informado, ou quer disfigurar os factos, principalmente em insistir que padre Cabill pregava doutrinas contrarias ás nossas instituições.

É muito louvavel, sr. redactor, o seu zêlo pela religião, mas poderá melhor manifestal-o, oppondo-se ao projecto de demolir a igreja de Santo Agostinho, como dizem, para fazer d'ella um hospital, havendo tanto terreno e talvez muito mais proprio para isso.

Espero, sr. redactor, que dará publicidade a esta minha carta e que me franqueará sempre as columnas do seu jornal.

Macau, 26 de fevereiro de 1872.—*Manuel J. M. G. da Silva*, antigo discipulo do seminario e actual professor do mesmo.

Macau, 2 de março de 1872.—*Manuel G. M. J. da Silva*."

"Macau, 26 de fevereiro de 1872.—Sr. redactor.—Li no ultimo numero do seu jornal um artigo em que procura v. s. deprimir os antigos professores do collegio de S. José, dos quaes me ufano de ter sido discipulo.

Vejo n'este artigo a citação de alguns factos, cuja veracidade deseja v. s. que seja apreciada ou contestada por aquelles que d'elles teem conhecimento. É por isso que dirijo a v. s. a presente carta, e peço-lhe o obsequio de a publicar no jornal que redige.

Cumpre-me, antes d'entrar na apreciação dos factos citados, fazer uma ligeira observação.

Os professores jesuitas durante todo o tempo em que estiveram em Macau, instruiam e educavam com maravilhosa assiduidade quantos jovens se lhes apresentavam; cumpriam com toda a caridade christã as suas obrigações de sacerdotes; e nunca negavam os seus bons officios a quantos d'elles se fossem valer.

Fizeram toda a sorte de beneficios que estavam ao seu alcance; e finalmente, em paga de tão valiosos serviços, tiveram que sahir de Macau, quasi expulsos pelo governo, tão pobres como vieram, e alguns com saude assás arruinada.

Á vista d'isto, não acha v. s. que seja uma cousa muito justa e natural que os macaenses, principalmente os antigos discipulos de S. José, apreciem e estimem a esses professores e lhes sejam gratos?

Lamento, pois, que v. s. sr. redactor, se tenha encarregado da triste e odiosa missão d'envenenar os corações dos macaenses, ensinando-lhes a ingratidão, o desprezo e o odio contra os que foram seus bemfeitores.

Não ignora v. s. que Macau, depois do fallecimento dos antigos professores, o insigne p.^o Gonçalves e seus companheiros,

viver por longos annos sob as trevas da ignorancia, e no decurso d'este tempo, a maioria de seus habitantes desconhecendo a benéfica influencia da civilisação, vegetava, para assim dizer, na escuridão da vida social, e arrastava placidamente os grilhões da ignorancia, que os prendiam a um captivo moral, obrigando-lhes a soffrer humildemente quantas prepotencias se lhes faziam, sem poderem reagir.

Chegaram os jesuitas, e uma nova epocha começou a raiar. Foram elles que nos abriram os olhos e deram-nos a conhecer um novo mundo intellectual. Crearam em nós a ideia do bello e do sublime, e inspiraram-nos o amor ao progresso e á liberdade.

Voltando agora aos factos por v. s. citados, tenho a dizer-lhe que eu formei parte da antiga banda de musica do collegio de S. José, e emprazo a v. s. para me mostrar as bases que tem para cognominal-a de *ridicula xaranga*.—Pessoas competentes e alguns *maestros* que assistiram a varios dos nossos concertos, e que nos viram tocar nas festividades religiosas, fizeram uma apreciação muita contraria da que procura v. s. impingir ao publico. Essa banda de musica foi, nas ferias, a Hongkong para pagar a visita dos alumnos do collegio de S. Salvador, que tinham vindo visitar-nos a Macau. Tocámos n'essa occasião no collegio de S. Salvador e no consulado portuguez, mas não na rua.

· Onde está aqui a falta de seriedade? Ainda agora o publico se aproveita do trabalho que teve o p.^o Rondina em organizar essa banda; porque foram cinco dos antigos membros d'ella que formaram o nucleo, com que se conseguiu organizar em pouco tempo a banda actual do batalhão nacional.

Diz v. s. que em outro tempo foram premiados em litteratura franceza alumnos que não sabiam conjugar os verbos auxiliares, e em cosmographia estudantes que não sabiam o que era cosmographia.

Não sei que fundamento tem v. s. para dizer isto. Porém, mesmo admittindo a hypothese, *quid inde?* Não tem por ventura sahido da Universidade de Coimbra muitos ignorantes apezar de formados?

Refere-se v. s. tambem ao exercicio de physica que houve no theatro de D. Pedro V.

Foi o p.^o Rondina quem introduziu o estudo de physica em Macau, e querendo vulgarisar nos jovens o desejo d'estudar esta sciencia, fez esse exercicio no theatro, onde os seus discipulos fizeram varias experiencias, que foram vistas pela primeira vez por não poucas pessoas de Macau.

Haverá por ventura mais seriedade n'essas matanças de porcos e d'outros animaes, que ultimamente teem feito parte das preleções da historia natural?

Censura v. s. o facto de terem os discipulos d'este jesuita pedido que fosse collocado o retrato de seu mestre n'uma sala da camara.

Não é livre o direito de petição? Um pedido tão razoavel, inspirado pela gratidão, não terá tambem seriedade?

Que culpa teem os discipulos do p.^o Rondina, se os retratos dos p.^{as} Gonçalves, Caetano Pires, Saraiva, Leite, Miranda, Borja e outros não foram collocados nas salas da camara? Se os discipulos d'esses insignes sacerdotes não fizeram o que fizemos, a culpa não é nossa.

Não posso deixar de observar finalmente que não consta a mim nem ás pessoas a quem tenho perguntado, que o p.^o Cahill tivesse dito do alto do pulpito que os liberaes são filhos de Judas. Muito receio que v. s. tenha sido mal informado pelas pessoas apaixonadas.

Esta questão relativa aos antigos professores de S. José, agora novamente provocada por v. s. merece ser bem elucidada, porque se liga intimamente com a instrução dos macaenses; mas como não me sobra o tempo disponivel, e como um meu amigo e collega vae tratar d'este assumpto séria e detidamente pela imprensa. ponho aqui ponto final a esta carta, pedindo a v. s. sr. redactor, seja-me lícito dizer-lhe francamente que v. s. está enganado se julga que, deprimindo e desconsiderando os antigos professores, se conseguirá convencer o publico da seriedade do actual estado das cousas do collegio.—*A. Bastos, Jr.*"

Do *Boletim da provincia de Macáo e Timor* de 2 de outubro de 1871, transcrevemos os seguintes estatutos:

PORTARIA

"N.^o 51.—O governador da provincia de Macau e Timor, e suas dependencias, determina o seguinte:

Tendo-me sido presentes os estatutos com que pretende fundar-se n'esta cidade uma sociedade de educação e de instrução denominada "Associação promotora da instrução dos macaenses";

Considerando que as instituições d'esta natureza são de reconhecida utilidade e tendem para os melhoramentos intellectuaes, e mais ainda para os progressos moraes dos habitantes d'esta cidade:

Hei por conveniente, conformando-me com o parecer do dr. delegado do procurador da corôa e fazenda, approvar os referidos estatutos da mencionada "Associação promotora da instrução dos macaenses" que baixam com a presente portaria, assignados pelo secretario geral do governo, e que constam de quinze artigos.

As auctoridades, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.—Macau, 29 de setembro de 1871.—*Antonio Sergio de Sousa*, Governador de Macau e Timor.

ESTATUTOS

DA

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA INSTRUÇÃO DOS MACAENSES

Artigo 1.º É creada uma associação denominada "Associação promotora da instrução dos macaenses."

Art. 2.º O fim da associação é fundar e manter, sob a denominação de "Collegio commercial," uma casa de educação e de instrução que offereça garantias de estabilidade e satisfaça as aspirações dos macaenses.

§ unico. Logo que a associação tiver rendimento sufficiente, será convocada uma assemblea geral dos accionistas para tratar da installação do collegio.

Art. 3.º Os fundos da associação consistirão do seguinte :

O capital proveniente de 40 acções de \$500 cada uma.

O producto de subscrições e de outros expedientes legaes cuja adopção fôr julgada conveniente.

§ unico. A assemblea geral dos accionistas poderá elevar o numero das acções que julgar conveniente.

Art. 4.º O valor das acções poderá ser pago immediatamente, ou em 5 soluções annuaes de \$100, pagaveis no começo do anno.

Art. 5.º Os fundos da associação serão dados a juros sob hypotheca legal de predios devidamente assegurados, ou sob fiança idonea de proprietarios abastados, ou empregados em acções de "Hongkong & Shanghai Banking Corporation", ou postos a juros nos bancos de Hongkong, ou empregados de outro qualquer modo que fôr determinado pela assemblea geral.

§ unico. A associação poderá fazer a aquisição de um edificio para o collegio.

Art. 6.º A associação será administrada por uma commissão composta de um presidente, um thesoureiro, um secretario e quatro vogaes, e esta commissão será eleita annualmente pela assemblea geral dos accionistas, por escrutinio secreto.

§ 1.º Se durante o tempo em que deverá funcionar a commissão, vier a faltar algum dos seus membros, poderá a mesma commissão nomear um accionista de sua escolha para o substituir.

§ 2.º Na falta do presidente por impedimento temporario, incumbe ao secretario fazer as vezes do presidente.

§ 3.º A commissão poderá funcionar estando reunida a maioria dos seus membros.

Art. 7.º Enquanto não estiver installado o collegio, a commissão prestará em cada semestre uma conta dos fundos da associação, e mandará a cada um dos accionistas um exemplar impresso d'esta conta; mas depois de installação do collegio, a conta será prestada annualmente, enviando-se igualmente um exemplar a cada accionista.

Art. 8.º O poder legislativo d'esta associação reside na assemblea geral dos accionistas, a qual deliberará definitivamente sobre qualquer assumpto que lhe fôr submettido, segundo o voto da maioria.

§ unico. Qualquer duvida que se suscitar sobre a interpretação das clausulas dos presentes estatutos, será resolvida definitivamente pela assemblea geral dos accionistas, e do mesmo modo será supprida qualquer lacuna que n'elles se descobrir.

Art. 9.º Incumbe ao presidente da commissão administrativa convocar a assemblea geral dos accionistas todas as vezes que julgar conveniente; ou quando a requererem os accionistas em numero que represente uma terça parte do total das acções da associação.

§ 1.º Nenhuma assemblea geral dos accionistas poderá ter logar sem ser precedida de um aviso de 10 dias, transmittido por carta a cada um dos accionistas.

§ 2.º Depois de installado o collegio haverá ao menos uma assemblea geral dos accionistas em cada anno, para tratar dos interesses da associação e da eleição da commissão administrativa.

§ 3.º O accionista que não residir em Macau ou que estiver justamente impedido, poderá fazer-se representar por seu procurador, devendo este ser accionista.

§ 4.º O accionista que tiver 4 ou mais acções terá direito a dois votos.

Art. 10.º Não é permittida a transferencia das acções sem previa auctorisação e approvação da assemblea geral dos accionistas sob pena da perda das acções.

§ unico. Por fallecimento de um accionista, passará a acção para os herdeiros mais proximos e d'entre estes o mais velho.

Art. 11.º O local do collegio, a escolha e o contrato dos professores, o programma dos estudos, e os estatutos do collegio, serão discutidos e approvados por uma assemblea geral dos accionistas.

Art. 12.º Não se poderá de modo algum dispôr dos fundos d'esta associação, sem auctorisação e approvação da assemblea geral dos accionistas.

Art. 13.º Se depois de 5 annos a contar d'esta data, não fôr possível conseguir o fim para o qual se destina esta associação, será ella dissolvida, se a maioria da assemblea geral dos accionistas assim o decidir, e serão então restituidos os fundos aos accionistas e aos subscriptores, com os juros que lhes pertencerem, sendo applicada qualquer quantia que não fôr reclamada, depois do prazo de 6 mezes, a uma obra pia que a assemblea geral determinar.

Art. 14.º Se para o futuro fôr de qualquer modo tolhida a execução de alguma das clausulas dos presentes estatutos, poderá esta associação ser dissolvida, se a assemblea geral dos accionistas assim o decidir, e serão então dispostos os fundos do mesmo modo como está indicado no artigo precedente.

§ unico. Só no caso da dissolução da associação, e em nenhum outro, poderão os accionistas e subscriptores exigir a restituição dos seus fundos.

Art. 15.º Os accionistas não auferirão nenhum lucro pecuniario, e serão obrigados a servirem qualquer cargo da associação para o qual forem eleito.

§ unico. No caso de reeleição, pode o acccionista deixar de acceitar o cargo, devendo este ser então desempenhado por aquelle que for immediato em votos.

Secretaria do governo de Macau, 29 de setembro de 1871.—*Henrique de Castro*, secretario geral.

Não pagou direitos de sello por se achar comprehendido nas insenções do n.º 6, tabella n.º 4 do regulamento—a lei do sello—de 4 de setembro de 1867.”

CIRCULAR

“ III.º sr.—A convicção de que será conveniente e vantajoso para os macaenses o estabelecimento de uma casa de educação e de instrução, apropriada ás suas actuaes necessidades, motivou a formação da “ Associação promotora da instrução dos macaenses ”, cujos estatutos, approvados pelo governo da colonia, foram publicados no *Boletim da provincia de Macau e Timor* de 2 do corrente mez.

A missão d'esta associação será estabelecer um collegio, que se dedicará com especialidade a preparar os jovens para seguirem com vantagem a carreira commercial n'estas paragens, sem deixar de ao mesmo tempo desinvolver e robustecer a sua intelligencia por meio de uma instrução esmerada e de formar o seu coração e caracter pela educação religiosa.

Para a realisação de uma empresa de tão geral utilidade, vem os abaixo assignados, constituídos em commissão por nomeação dos accionistas, sollicitar a generosa coadjuvação de todos os portuguezes residentes na China, de todos os amigos de Macáo, e de todos os amantes da civilisação e do progresso; e pedem a venia para apresentar a v. s.ª a inclusa subscripção, esperando que v. s.ª se dignará honral-a com a sua valiosa assignatura.

Macáo, 5 de outubro de 1871.—*Maximiano Antonio dos Remedios*, presidente.—*João Joaquim Braga*, thesoureiro.—*Pedro Nolasco da Silva Junior*, secretario.—*Lourenço Marques*, vogal.—*Vicente de Paulo Portaria*, vogal.—*Antonio Manuel Pereira*, vogal.—*Filomeno Maria de Graça*, vogal.”

Ao finalisarmos este nosso trabalho, tivemos a satisfação de receber uma carta, que em seguida publicamos, do nosso mui especial e talentoso amigo o sr. Antonio Joaquim Bastos Jr., na qual refuta elle d'um modo brilhantissimo todos os

desconchavos com que o *Oriente* julgou á proposito mimosear ao publico n'esta questão.

Eil-a:

“MEU AMIGO E COLLEGA.—Quiz a fortuna que sempre fossemos até aqui compañeros em diversos lances da vida, de que nunca nós poderemos esquecer, pois que a memoria d'elles está gravada com caractéres indeleveis nas paginas do livro do nosso coração.

Amigos desde verdes annos, fomos educados junctos n'um mesmo collegio, onde a par d'uma educação altamente religiosa, eramos instruidos nos rigorosos principios da verdadeira philosophia, que nos ensinava a analysar escrupulosamente a verdade, e condemnar a impostura e a hypocrisia.

Collegas n'uma mesma profissão, vemo-nos agora tambem reunidos n'um mesmo terreno, defendendo os que foram nossos mestres, e propugnando por uma solida instrucção para os nossos compatriocios.

Não ignoras meu amigo, que no numero 6 do jornal o *Oriente*, appareceu publicado um artigo de lavra, em que accusava o collegio de S. José da falta de seriedade no tempo dos jesuitas, com o fim de os desconsiderar na opinião publica, dizendo ao mesmo tempo que o projectado collegio commercial não tinha por fim a instrucção dos macaenses, mas um motivo meramente politico.

Leste naturalmente a minha carta inserida no n.º 8 do mesmo jornal, na qual contestei o libello famoso, com argumentos fundados em factos incontestaveis, aos quaes pretendeu debalde o *Oriente* replicar; pois não fez senão reproduzir mais um articulado inepto e gratuito, d'envolta com as mais grosseiras zombarias que só justificam o principio de La Bruyére, quando disse algures que *la moquerie est souvent une indigence d'esprit*.

Era minha intenção rebater estas zombarias e inexatidões no mesmo *Oriente*, fundando-me não tanto nas promessas do seu redactor,—que frequentes vezes me havia assegurado que eu encontraria sempre promptas as columnas de seu jornal para uma treplica—como na indole liberal que essencialmente devia inspirar o jornal.

Deliberei-me, porém, fazer o contrario, apenas percebi que o jornal se desviava do seu programma, e que o seu fim não era elucidar a verdade nem proporcionar os meios da defesa aos seus aggredidos, como aconteceu quando, além de se ter recusado á publicação da carta do nosso amigo e condiscipulo o sr. Manuel da Silva,—o que é uma flagrante injustiça e notavel attentado contra a liberdade—se atreveu a censurar e injuriar indignamente o nobre mancebo que tamanha prova deu de seus bons sentimentos.

Não venho, meu amigo e collega, defender-me aqui, nem ao sr. Manuel da Silva, que de certo não carece de meu apoio para fazer triumphar a verdade que de per si falla bem alto; venho só para dizer algumas verdades ao *Oriente*, e para fazer-lhe saber que não passam tão facilmente á revelia as suas insolencias, sem um prompto correctivo.

Para chegar a este fim por que almejo, dirijo-me a ti meu bom amigo, que sempre fizeste causa commum na maior parte de minhas questões, especialmente nas d'esta natureza. Soube que ias tratar detidamente d'esta questão pela imprensa, por meio d'um bem elaborado opusculo, no mais obscuro cantinho do qual peço-te o obsequio d'inserir esta missiva.

Antes de tudo, reproduzirei aqui o bem conhecido proverbio latino: *Amicus Plato, amicus Socrates, sed magis amica veritas*. Prêzo a verdade, e tenho cá por mim que este sentimento é gloria d'humanidade.

Posto isto como these ou exordio, preambulo, ou outro qualquer nome que se lhe queira dar, começarei por dizer que não podia deixar de me indignar a alevisia do n.º 8 do *Oriente* quando affirmou o seguinte: “ Não a tinhamos lido, (referindo-se á minha carta publicada no mesmo numero) quando no numero antecedente fizemos algumas reflexões sobre a carta do sr. Manuel da Silva, aliás ter-lhe-hiamos feito applicação das mesmas considerações, por isso que não podemos estar a perder tempo nem espaço do nosso pequeno jornal de que bem carecemos para assumpto de interesse publico.”

Não é verdade isto que se acaba de ler. Se o sr. reda-

ctor do *Oriente* não tinha lido a minha carta, como poudo no n.º 7 do jornal prometter a sua publicação no immediato numero, prevenindo ao mesmo tempo ao publico, que eu vinha em auxilio dos meus amigos e mestres? Não a leu o sr. redactor, mas previu-lhe o objecto e contheudo por inspiração d'algum Oraculo. É celebre, porque possui o mysterioso condão da presciencia. Em todo o caso, porém, pretendeu illudir o publico, esforçando-se a dizer que não tinha lido a minha carta *quando no numero antecedente fez algumas reflexões sobre a carta do sr. Manuel da Silva*, esquecendo-se comtudo que n'esse mesmo numero deu evidentes provas de a ter já lido. *Mentita est iniquitas sibi.*

Levantando de bom grado a luva que me atira o *Oriente*, e acceitando a applicação das mesmas considerações que fizera sobre a carta do sr. Manuel da Silva, devolvo ao *Oriente* intactas as amabilidades com que se dignou mimosear-me, e em retribuição, pedirei ao illustre redactor do *Oriente*, se sirva apontar quaes as inepcias contidas na minha carta, e onde está ahi a falta de logica, e de bom senso. *Docete me et ego tacebo.*

Carece de manejar melhor a logica e o bom senso, quem, como o sr. redactor, impondo-se a si o preceito de atacar, com fundamento ou sem elle, os jesuitas, deixou de publicar a carta do sr. Manuel da Silva, dizendo que não a publicava, para não comprometter a causa que o sr. Manuel da Silva defendia, e o *Oriente* guerreeava.

E porque aventurou magistralmente um conselho ao sr. Manuel da Silva a quem mandava se preparasse primeiro convenientemente para poder escrever para o publico, considera este conselho como se fosse tambem aventurado a mim, e mais um outro que se avançou a dar-me, dizendo-me que não adiantasse muito no latim,—o que me dá o direito de aconselhar tambem ao *Oriente*, que não tenha grande facilidade de dar conselhos a quem não lh'os pede, devendo ter em vista o que disse Phedro: *Sibi non cavere et aliis consilium dare stultum esse.*

Note o sr. redactor que não fui eu que impingi este latim a esmo, mas sim o Phedro que o impingiu algures;

e estou convencido que o que elle disse é tão certo, e em tão bom latim, quanto não é menos certo que impingir é um verbo puramente portuguez, derivado do latim *impingere*, como se pôde vêr no dictionario de Antonio de Moraes Silva.

Peço desde já. venia ao *Oriente* se no decurso d'esta carta eu for impingindo o meu latim: é um defeito que não está nas minhas mãos o emendar. Affiz-me infelizmente a este mau séstro.

Diz o *Oriente* de 7 de março, que não podia estar a perder tempo nem espaço, de que bem carece, para assumptos de interesse geral.

Será por ventura, desperdicio de tempo, quando se trata d'esclarecer a verdade, em relação a factos que se ligam com a instrucção da mocidade?

Será, por ventura, de grande interesse geral levar ao conhecimento dos quatro pontos cardinaes do mundo a noticia da existencia d'um processo de policia correccional intentada pelo sr. Assis, ao passo que guarda um silencio sepulchral sobre outros processos?

Que diga o *Oriente* conscienciosamente.

Diz mais o *Oriente* que da leitura de minha carta, se depreheende a pouca firmeza e consciencia com que tentei annullar a sua accusação. “Não é facil—diz em seguida—porque a verdade não se annulla com meia duzia de logares communs empregados a esmo.” A these é verdadeira, e é para se lamentar que o *Oriente* fosse tão destituido de bom senso, a ponto de enuncial-a, para subministrar armas contra si. Invocou um principio que é a sua propria condemnação, porque n'esta questão o *Oriente* não sé serviu senão de logares communs, e muito communs.

Prove o *Oriente* a pouca firmeza e consciencia com que tentei annullar a sua accusação. Derribei-a com argumentos baseados nos factos, que não foram negados pelo mesmo *Oriente*, a quem emprazo para contestal-os. Pouca firmeza e consciencia tem aquelle que cae em absurdos, e lança mão de subterfugios para sustentar o erro.

É ridiculo querer o *Oriente* demonstrar que não se encarregou da odiosa missão d'ensinar aos macaenses a

ingratidão; ensinou-a, é incontestavel: é-lhe agora airoso confessar o erro, e mostrar-se constricto.

Prove que os jesuitas *tanto julgavam bastante renumerado o serviço que prestaram, que bem lhes custou a deixar um serviço onde arruinavam a saúde*, ou então reconheça que fôra o instincto da maledicencia que dictou aquella infundada asserção. Vem muito a proposito dizer aqui com Publió Syrio—*male facere qui vult, nusquam non causam invenit*.

Não acredita o *Oriente* que foram os jesuitas quem nos inspiraram o amor ao progresso e á liberdade, e para lh'o provar, appello para o teu insuspeito testemunho, meu amigo e collega, e bem assim para o de todos os nossos condiscipulos antigos. Quantas vezes nos dizia o douto e bom professor p.^o Rondina, nas suas prelecções da *Ethica* e *Direito Natural*: “Rapazes, lembrai-vos de que hoje sois crianças e amanhã sereis homens e cidadãos, e tereis que servir a patria que vos viu nascer, e ser-lhe uteis. Pelejai sempre pelo progresso e liberdade do vosso berço, que muito carece d'estes dous motores de civilisação, cuja arvore fôra implantada pelo Christo. Considerae que em Macau não ha completa liberdade d'associação que existe nos paizes cultos, liberdade do municipio, que está reduzida a quasi zero, e liberdade d'ensino, etc., . . .” E se isto não fôr bastante, e se ainda quizer o *Oriente* mais provas, tenha a paciencia de lêr o “*Compendio de philosophia theorica e practica*” escripta por este insigne professor, e tão apreciado pelos melhores criticos de Portugal, e dizer-me depois, se os principios n'elle consignados são ou não rasgadamente liberaes—liberaes no seu verdadeiro sentido—e conformes á boa logica e ao bom senso, ou se faltam tambem de seriedade.

Nada ha mais gracioso que o argumento do *Oriente*, pelo qual pretendeu insistir em cognominar *ridicula xaranga* á banda da musica do collegio, pelo facto de não lhe serem agradaveis ao ouvido umas variações de *saxo-fone* que actualmente se exercitam todos os dias no collegio.—Compenetre-se o *Oriente* de que não é muito seguro o systema d'argumentar por comparações do modo como faz.

Do facto deduzido pelo *Oriente*, que quem premeia ignorantes ou é ignorante ou ridiculo, e em nenhum acha seriedade, deduzimos tambem a seguinte illação (na hypothese de serem validas as premissas do *Oriente*): tenho visto e conhecido alguns que saíram premiados e até formados das melhores escolas e universidades, mas que nem servem para sacristães. Logo ou são ignorantes ou ridiculos os professores e lentes d'estas escolas e universidades, e em nenhum caso se acha seriedade. É isto verdade? . . .

Quer o sr. redactor do *Oriente* impingir ao publico que eu achei *matanças de porcos*, onde o publico acha seriedade. Desengane-se o *Oriente*, se persuade que sou tão parvo a ponto de negar as vantagens que se obtém de se junctar ás lições theoricas as de practica, que são até de absoluta necessidade para os estudos de sciencias naturaes. O que eu fiz, foi mostrar o absurdo do *Oriente*, e as suas graves incoherencias, demonstrando que se não havia seriedade nas experiencias que se faziam da physica, da mesma sorte, não havia seriedade nas *matanças de porcos*. *Quid enim laboro nisi ut veritas in omni quaestione explicetur?*

Reconhece o *Oriente* a liberdade de petição, e diz que não devem pedir cousas que a lei não permite. Agora uma pergunta. Poderá o *Oriente* dizer-me qual é a lei que prohibe inaugurar retratos na sala da camara, a não ser do rei, salvo precedendo licença do governo da metropole? Saiba o *Oriente* que se o retrato do p.^o Rondina foi tirado da sala da camara, não foi isto castigo de leviandade, mas sim, por assim o terem pedido para o collocarem n'outro logar melhor e mais visivel, no lado de dois quadros historicos, relativos aos martyres de Japão e á guerra dos hollandezes em 1622 (*). Diz o *Oriente* que eu tinha dito que punha ponto final n'esta questão. É innexacta semelhante asserção. Disse que punha ponto

(*) Esta é a inscripção que se lê ao pé do retrato do r.^{do} p.^e Rondina:

“Em memoria dos serviços prestados em prol da instrucção da juventude macaense por p.^e Francisco Xavier Rondina, é collocado este seu retrato n'esta casa da camara municipal segundo o assento tomado nas sessões de 5 d'agosto de 1871 e de 5 e 13 de janeiro de 1872.”

final na minha carta, visto que um meu amigo e collega ia tratar pela imprensa d'esta questão.

O *Oriente* no seu n.º 11 offerece ao novo governador o seu apoio e patriotismo para o coadjuvar em prol da instrucção em Macau.

Como se póde combinar este offerecimento tão entusiastico com a guerra que faz á uma associação, cujo unico fim é promover a instrucção ?

É a paixão partidaria, ou é o interesse que move esta guerra?!

Não quero devassar qual seja a causa, mas o certo é que não deixa de ser uma d'ellas.

Por em quanto aqui paro, mas não ponho ponto final.

Estou prompto a entrar na liça novamente, se necessario fôr.

Macau, 6 de abril de 1872."

A. BASTOS JR.



